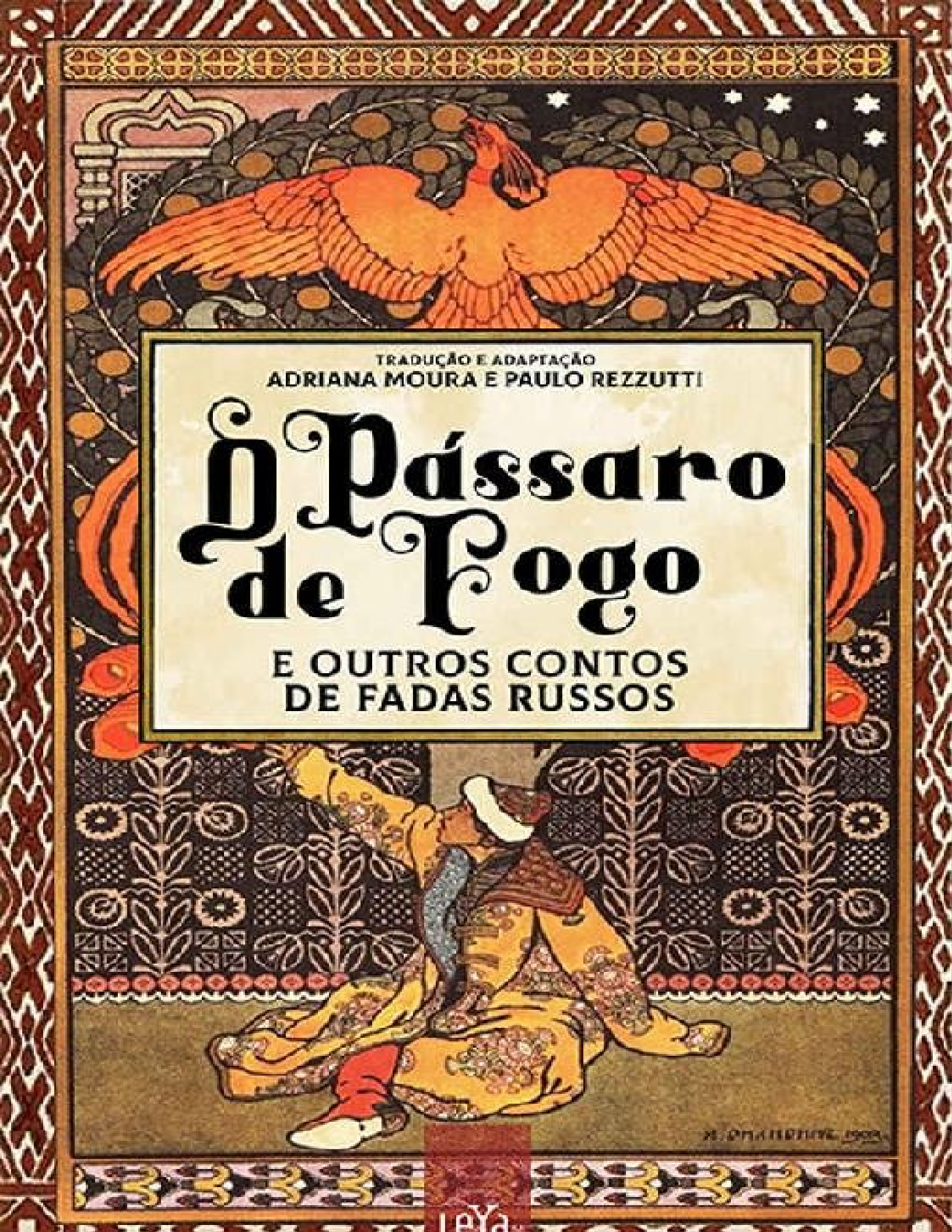

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
ADRIANA MOURA E PAULO REZZUTTI
O Pássaro de Fogo
E OUTROS CONTOS DE FADAS RUSSOS
leya

O Pássaro de Fogo

E OUTROS CONTOS DE FADAS RUSSOS

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO
ADRIANA MOURA E PAULO REZZUTTI

O Pássaro de Fogo

E OUTROS CONTOS DE FADAS RUSSOS



Copyright © 2020 Adriana Moura e Paulo Rezzutti
© 2020 Casa dos Mundos/LeYa Brasil

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Editoras executivas
Izabel Aleixo e Natalie Lima

Produção editorial
Carolina Vaz

Revisão
Elisabeth Lissovsky

Diagramação
Filigrana

Capa
Kelson Spalato

Imagens/crédito de capa
Poster, 1903. Artista: Bilibin

As ilustrações das páginas 12, 20, 26, 32, 44, 50, 58, 66 e 78 pertencem a Ivan Bilibin.
A ilustração da página 38 é de Boris Zvorykin.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

M884p
Moura, Adriana
O pássaro de fogo e outros contos de fadas russos / Tradução e adaptação de Adriana Moura e Paulo Rezzutti. – São Paulo: LeYa, 2020.
96 p.: il., color.

Bibliografia
ISBN 978-65-5643-042-3

1. Contos de fadas 2. Literatura infantojuvenil russa 3. Fábulas I. Título II. Rezzutti, Paulo

20-2957 CDD 028.5

LeYa é um selo editorial da empresa Casa dos Mundos.
Todos os direitos reservados à
CASA DOS MUNDOS PRODUÇÃO EDITORIAL E GAMES LTDA.
Rua Avanhandava, 133 | Cj 21 – Bela Vista
01306-001 – São Paulo – SP
www.leya.com.br

Para Isabela Witte, Vinícius Merendi, Francisco Veiga, Helena Maduro e António Fait Moura

Sumário

Prefácio

O pescador e o peixe
A Baba Yaga e o garoto corajoso
A Baba Yaga e a órfã
Morozko, o Velho Inverno
Snegurochka, a donzela de neve
Alyonushka e Ivanushka
A pena de Finist, o falcão
A princesa sapo
O czar Saltan
O pássaro de fogo

Nota sobre as adaptações
Fontes utilizadas para a criação dos textos base
Glossário
Bibliografia

Prefácio

Atire a primeira pedra quem nunca, em algum momento da vida, torceu para que a Branca de Neve não mordesse a maçã que a madrasta-bruxa lhe deu nem ficou se perguntando como João, no alto do seu pé de feijão, derrotaria o gigante.

Os contos de fadas começaram a ser coletados com mais intensidade em diversos países na época do Romantismo, especificamente dentro da corrente nacionalista, como uma maneira de resgatar as histórias contadas pelo povo ao longo de séculos. Essa coleta folclórica iria ajudar a fundamentar a construção de uma identidade nacional. Assim, inicialmente nos estados alemães, depois nos estados italianos e na Rússia, entre outras nações, tal processo revelaria os medos e os anseios, o que assombrava e o que encantava esses povos.

Esses contos, em seus primórdios, não tinham a intenção de, pela magia, adoçar a realidade; sua função era instrutiva ou moralizante. Com o tempo, muitos deles acabaram sendo suavizados, e, no século XX, foram transformados por Walt Disney e outros produtores em desenhos animados meigos e sensíveis. Recentemente, graças a filmes, desenhos e séries como *Malévola*, *Branca de Neve e o caçador*, *Deu a louca na Chapeuzinho*, *João e Maria: caçadores de bruxas*, *Era uma vez* e *Grimm*, começou a haver uma reconstrução desses contos de fadas. Com a mudança dos pontos de vista e das leituras dos seus personagens, busca-se uma nova narrativa mais inclusiva, na qual a mulher é dona de seu destino e não existem personagens intrinsecamente maus ou bons, tornando o mundo menos branco e preto.

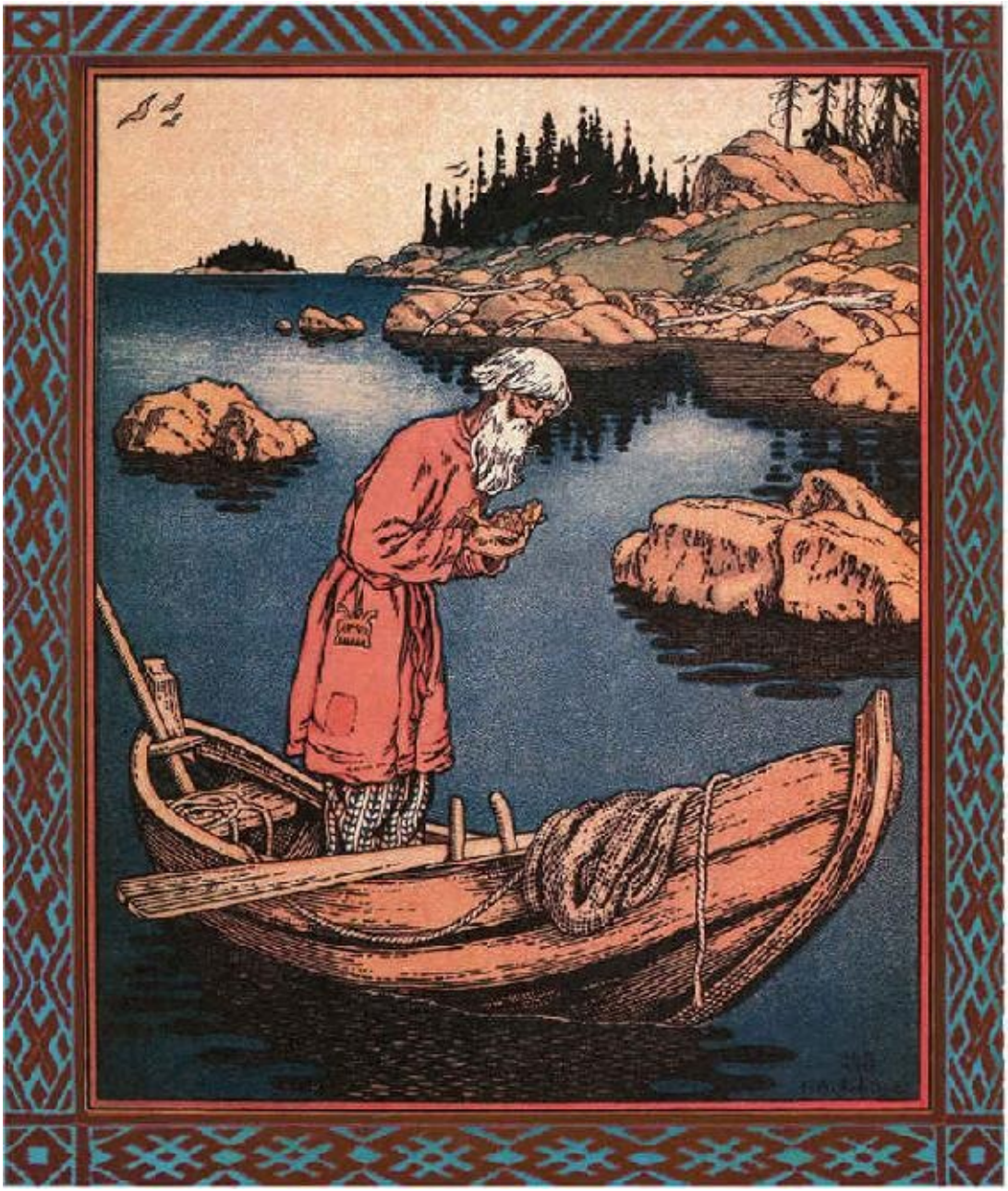
Os contos de fadas russos são menos conhecidos no Ocidente e têm características próprias, como a forte ligação com a natureza, na qual o inverno, por exemplo, é personificado num ser que pode ser bom ou mau, dependendo da forma como se lida com ele. As mulheres são muito menos passivas, e delas depende o seu próprio caminho, como podemos ver no símbolo máximo do feminino nesses contos escolhidos que é a fantástica Baba Yaga. Como uma espécie de Mãe Natureza que pune, desafia e ajuda, ela atua em muitos momentos como um rito de passagem entre a infância e a vida adulta.

No conto que dá título a esta coletânea, “O pássaro de fogo”, imortalizado na peça sinfônica de Igor Stravinsky, temos a presença novamente da dualidade sob a qual a nossa vida é construída. A “água da vida e a água da morte”, que destrói e salva, funciona bem como uma metáfora da presente discussão sobre sustentabilidade e gestão dos recursos naturais. Outro ponto a ser destacado é a presença frequente do humor ao se punir os gananciosos, como ocorre no conto “O pescador e o peixe”.

As famosas *matrioshkas* russas, bonecas de madeira que se encaixam umas dentro das outras, simbolizam, entre outras coisas, a imortalidade por meio da maternidade, sendo a última boneca, geralmente, um bebê. Essa questão, de uma peça dentro da outra preservando algo, pode ser vista em contos antigos como “A princesa sapo”, no qual a alma do bruxo Koschei, o Imortal, se encontra escondida dentro de um receptáculo, que está dentro de outro, e outro, e outro. Como na série *Harry Potter*, a alma do vilão não está dentro dele, de modo que não pode ser morto num confronto direto, levando o herói a uma busca.

Pretendemos, com esta seleção, apresentar esse mundo tão rico e pouco conhecido no Brasil, cujos temas são universais e continuam atuais, apesar de séculos separarem os primeiros ouvintes dos atuais leitores. Esperamos que, como nós, você se compadeça do pobre pescador e de sua mulher, sempre insatisfeita, fique imaginando como a Baba Yaga entra em sua casa sem portas nem janelas e torça pelo príncipe Ivan em suas aventuras em busca do pássaro de fogo.

Adriana e Paulo



O pescador e o peixe

Era uma vez um velho homem que vivia com sua mulher na beira do grande mar azul. Eles eram pobres e moravam numa isbá lamacenta fazia 33 verões e invernos. O velho ganhava a vida pescando na beira do mar, enquanto a mulher tecia roupas.

Certo dia, ele jogou sua rede de pesca no oceano e, quando a puxou, só veio lama do fundo do mar. Uma segunda vez o pescador jogou sua rede, mas ela retornou cheia de algas. Já com a noite chegando, quase na hora de voltar para casa, o velho arriscou uma vez mais. Quando foi recolher a rede, achou que tinha pescado não um peixe, mas um cardume inteiro, pois teve que fazer uma força imensa para puxá-la. Depois de muito lutar, finalmente conseguiu recolher a rede e… que decepção. Dentro dela, havia apenas um pequeno peixe dourado, que o velho pôs na palma da mão.

– Bem – disse o pescador olhando para o peixinho –, ao menos eu e minha velha teremos algo para comer no jantar.

– Bom pescador – falou o peixe –, seja gentil e me liberte.

– Como assim? – perguntou o pescador, assustado. – Você fala? E com voz de gente?

– Sim, falo – respondeu o peixe –, e também o meu coração de peixe sente dor como o seu. Seria tão amargo para mim morrer como seria para você.

– Sério? – disse o velho. – Bem, fique sossegado, desta vez não morrerá.

E devolveu o peixe ao mar.

– Obrigado, meu velho pescador – disse o peixe contente, com a cabeça fora d’água. – Peça o que quiser e será seu.

O pescador ficou parado à beira do mar, olhando para o peixe e passando os dedos enrugados na grande barba branca enquanto refletia. Por fim, respondeu:

– Obrigado, peixe dourado, mas creio que tenho tudo de que preciso.

O peixe então falou:

– Lembre-se, se precisar de algo, é só vir aqui e me chamar, que o atenderei.

E saiu nadando mar adentro.

O pescador voltou para casa e contou para a mulher a coisa maravilhosa que acontecera na beira do mar. Mas ela o amaldiçoou e, batendo com a vassoura na cabeça dele, disse:

– Você é um tolo em não fazer um desejo! Ao menos podia ter pedido uma bilha d'água, já que a nossa quebrou!

No dia seguinte, o velho voltou para a beira do mar, onde pequenas ondas quebravam, acariciando a areia clara. Ele chamou pelo peixe dourado, que logo subiu à superfície e perguntou:

– De que você precisa, velho homem?

Ele se inclinou e respondeu que sua mulher o amaldiçoara porque precisava de uma nova bilha. O peixe o animou e prometeu cumprir seu desejo.

Quando o pescador voltou para casa, viu a nova bilha sobre a mesa. Mas sua mulher estava infeliz e gritou novamente com ele:

– Veja que bilha ele nos deu! Toda em porcelana, com flores pintadas em quatro cores e frisos dourados. Veja se isso combina com esta casa caindo aos pedaços. Quando chove, é melhor ficarmos do lado de fora, pois cai menos água do que do lado de dentro. Nosso telhado parece uma peneira! Você é um tolo! Volte ao peixe! Peça uma nova casa.

– Eu não gosto disso… – disse o velho pescador.

– Isso é problema seu – respondeu a velha mulher. – Se o peixe é capaz de nos dar uma bilha como essa, uma nova casa não é nada para ele. E lembre-se de que o peixe lhe deve a vida.

O pescador voltou para o mar, onde a água e o céu começavam a escurecer. Chamou o peixe, que emergiu novamente e nadou até onde o velho estava.

– O que quer? – perguntou o peixe.

– Bem, minha mulher acha que precisa de uma cabana melhor para ter uma bilha como aquela que nos deu. Realmente, a nossa está caindo aos pedaços, e quando a chuva vem…

– Vá para casa – disse o peixe, e voltou para o mar.

O pescador bem que tentou, mas depois de muito andar não conseguiu achar a sua casa. Primeiro achou que havia se perdido no caminho, mas, de repente, viu sua mulher andando em volta de um enorme e belo chalé, observando todos os detalhes das portas e janelas esculpidas nas mais ricas madeiras. Era a melhor casa que um mujique poderia sonhar. O lado de dentro era tão bonito quanto o lado de fora. Havia uma grande mesa nova, bancos, um fogão novo, uma grande lareira e um samovar de cobre já em ebulição esperando para fazer o chá.

E a mulher do pescador ficou contente com isso? Claro que não. Logo estava

gritando novamente com o marido.

– E com uma casa dessas, como vou conseguir mantê-la? Veja a nossa idade. Olhe o tamanho dessa casa, veja quantos vidros e espelhos terei que limpar sozinha. Eu nasci para coisa melhor que ser uma camponesa qualquer. Quero ser uma senhora, quero ter servos e que os vizinhos se curvem diante de mim.

O pobre velho pescador, com o coração triste, voltou ao mar. As ondas começavam a se erguer e bater com força nas pedras, e o céu estava ainda mais escuro. Ele chamou o peixe dourado, que novamente subiu à superfície.

– O que deseja? – perguntou o peixe.

– Minha mulher não me dá um minuto de sossego – reclamou o velho. – Ela, agora, não quer mais ser a esposa de um pescador. Quer ser uma nobre, com servos, e que os senhores das terras ao redor a respeitem.

– Vá para casa – ordenou o peixe.

O velho pescador fez o caminho de volta, pensando em como seria bom viver naquele belo chalé. Qual não foi a sua surpresa quando, no lugar da casa que havia deixado de manhã, encontrou outra, de três andares, feita de pedra. Havia criados fazendo os trabalhos domésticos, um cozinheiro na cozinha, uma tecelã cuidando das roupas e, sentada numa alta cadeira de madeira esculpida, lá estava sua velha mulher num vestido de brocado. Usava um caríssimo casaco de zibelina e tinha um rico *kokoshnik*. Trazia em seu pescoço colares de pérolas, e os ossudos dedos tinham desaparecido em meio a um monte de anéis de ouro. Esbofeteando os criados, gritava ordens a torto e a direito.

– Boa saúde para você, esposa – desejou o velho pescador, tirando o chapéu de maneira reverente.

– Como ousa me chamar de esposa? Seu palhaço! Tirem-no daqui e lhe deem uma surra para lembrar a ele que de hoje em diante seu lugar é no estábulo.

O velho ficou espantado, sem fala. Prontamente, os criados pegaram-no pelo colarinho e o levaram até o estábulo, onde lhe deram uma surra tão grande que ele mal pôde andar por alguns dias. Logo a velha ordenou que ele fosse o encarregado da limpeza do pátio. Deram-lhe uma vassoura, e ele fazia as refeições na cozinha, junto com os outros empregados. Que vida miserável vivia o pobre velho pescador.

Certo dia, um criado o chamou. A velha mulher queria falar com ele. Prontamente, o velho foi tomar banho, penteou o cabelo, remendou a roupa e limpou as botas. Entrou na casa e curvou-se perante a mulher.

– Saia daqui, seu velho imprestável! Vá até seu peixe dourado e diga que eu me cansei de ser apenas nobre. Quero que ele me transforme numa czarina, quero ter meus nobres, meus ministros e meu próprio exército, e que eles façam

tudo o que eu ordenar.

Dessa vez, o velho até que gostou de ir atrás do peixe, assim podia sair da casa. Quando chegou à praia, notou que a água estava agitada, o céu e o mar tinham se tornado quase negros. Ele chamou o peixe dourado.

– Qual o problema dessa vez? – perguntou o peixe.

– Você não sabe o que tenho sofrido. Minha mulher me transformou num servo, minhas costas estão marcadas de chicotadas. Tenho que limpar o pátio e, se ela encontrar alguma sujeira, sou punido. Agora ela decidiu que não basta mais ser nobre, ela quer ser uma czarina.

– Não se preocupe – falou o peixe –, volte para casa e ficará tudo bem.

Assim que o peixe partiu, o velho pescador escutou ao longe o som de trombetas e o soar de tambores. Onde havia a bela casa de três andares, surgira um imenso palácio com um telhado de ouro. Atrás dele, onde antes havia um jardim, agora tudo era um grande campo, onde um imenso exército estava perfilado. De repente, o velho viu sua velha sair para a varanda, cercada de generais e boiardos, para passar as tropas em revista. Os tambores e as trombetas soaram mais alto, e todos os soldados gritaram a uma só voz: “Urra!”.

O velho pescador voltou ao estábulo, onde encontrou um cantinho escuro com palha para dormir.

Depois de algum tempo, a velha estava novamente cansada. Achando que havia sido feita para coisa melhor, chamou o camareiro e disse:

– Vá e encontre aquele velho mendigo maltrapilho que vem pedir pão dormido na cozinha de vez em quando. Encontre-o e traga-o aqui.

O camareiro passou a ordem adiante para os criados, os criados, para os servos, e estes finalmente encontraram o velho dormindo na palha do celeiro. Deram-lhe um banho para que estivesse em condições de se dirigir à czarina e o levaram diante da velha, sentada em seu trono de ouro.

– Escute-me, seu velho idiota – disse ela –, vá até o peixe dourado e diga a ele que já me cansei de ser czarina. Qualquer uma pode ser imperatriz. Quero, agora, ser governante de toda a terra e de todos os mares, para que todas as criaturas me obedeçam, até os peixes.

– Eu não gosto disso… – falou o velho, tremendo.

– Como é? – gritou a czarina. – Você tem a ousadia de me responder? Se você não fizer imediatamente o que lhe ordenei, vou mandar cortar sua cabeça, espetá-la num poste e dar seu corpo para os cães!

Conforme o pescador caminhava em direção à praia, viu que uma terrível tempestade se formara, com raios, trovões e ondas gigantescas quebrando contra as pedras. O velho chamou tão alto quanto podia. E nada, nem sinal do peixe.

Chamou uma segunda vez, ainda mais alto, e nada aconteceu. Aflito, pensando o que ocorreria com ele se voltasse e sua mulher ainda fosse apenas uma czarina, encontrou forças o suficiente para gritar mais alto e viu, com alívio, quando o peixe emergiu e veio em sua direção.

– O que é agora?! – gritou o peixe com uma voz carregada de raiva.

– Oh, meu querido peixe dourado, a minha velha está mais impossível do que nunca – chorou o pescador. – Agora ela não quer mais ser czarina, quer ser a senhora de todo o mundo, da terra e do mar, e que os peixes a obedeçam.

Dessa vez, o peixe dourado não respondeu, não disse nem que não, nem que talvez. Não disse absolutamente nada: simplesmente se virou e saiu nadando para longe.

Depois de esperar muito tempo, pensando em como enfrentaria a mulher, o velho decidiu, como já era noite, voltar para suas palhas no celeiro. No dia seguinte, veria o que fazer. Porém, ao se aproximar de onde deveria estar o palácio, não viu mais exército, fanfarra, cortesãos ou criados. Só a sua isbá lamacenta, sua pobre mulher velha e a bilha quebrada.





A Baba Yaga e o garoto corajoso

Era uma vez um gato, um pardal e um garoto corajoso que viviam juntos numa isbá na floresta. Um dia, o gato e o pardal resolveram entrar na floresta para cortar lenha. Eles disseram ao garoto corajoso:

– Você precisa ficar para tomar conta da casa, mas lembre-se: se a Baba Yaga vier e contar as colheres, não diga nem uma palavra!

– Está certo, eu me lembrarei disso – disse o garoto corajoso.

O gato e o pardal saíram, e o garoto corajoso sentou-se próximo ao fogão, debaixo da chaminé. Não passou muito tempo e a Baba Yaga entrou. Sem olhar para ele, pegou as colheres e começou a contá-las:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

O garoto corajoso não conseguiu se segurar e gritou:

– Baba Yaga, não mexa na minha colher!

A Baba Yaga então agarrou o garoto corajoso e o colocou embaixo do braço. Sentou em seu pilão e voou para longe. Ela guiava pelo ar remando com a mão do pilão e varria seu rastro com uma vassoura. O garoto corajoso começou a berrar:

– Gato, corra! Pardal, voe!

Eles o ouviram e correram para ajudá-lo. O gato pulou sobre a Baba Yaga e começou a arranhar, enquanto o pardal bicava o nariz dela. Assim eles conseguiram resgatar o garoto corajoso.

No dia seguinte, o gato e o pardal voltaram a se preparar para ir à floresta cortar lenha e disseram ao garoto corajoso:

– Preste atenção, se a Baba Yaga vier, não diga nem uma palavra. Hoje estamos indo mais longe que ontem.

Tão logo o garoto corajoso se sentou perto do fogão, debaixo da chaminé, a Baba Yaga voltou e, de novo, começou a contar as colheres:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

O garoto corajoso, sem conseguir se conter, mais uma vez gritou:

– Baba Yaga, não mexa na minha colher!

A Baba Yaga agarrou o garoto corajoso e arrastou-o consigo. Ele gritou:

– Gato, corra! Pardal, voe!

E novamente seus amigos vieram correndo livrá-lo das garras da Baba Yaga e levá-lo de volta para casa.

No terceiro dia, o gato e o pardal prepararam-se mais uma vez para ir à floresta cortar lenha. Eles disseram ao garoto corajoso:

– Preste atenção, se a Baba Yaga vier, fique em silêncio; hoje nós vamos ainda mais longe que ontem.

O gato e o pardal saíram, e o garoto corajoso sentou-se perto do fogão, debaixo da chaminé. Outra vez, a Baba Yaga entrou, tornou a pegar as colheres e a contá-las:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

Porém, desta vez, o garoto corajoso não disse nem uma palavra. A Baba Yaga, olhando bem para ele, começou a contar de novo:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

O garoto corajoso continuou em silêncio. Então a Baba Yaga contou uma terceira vez:

– Esta é a colher do gato, esta é a colher do pardal, e esta é a colher do garoto corajoso.

O garoto corajoso ficou nervoso, não aguentou mais e gritou:

– Não mexa na minha colher!

A Baba Yaga agarrou o garoto corajoso e o arrastou consigo. Ele gritou:

– Gato, corra! Pardal, voe!

Mas, dessa vez, seus amigos não o ouviram. A Baba Yaga levou o garoto corajoso floresta adentro até sua isbá com pés de galinha. Colocou-o no armário acima do fogão, acendeu o fogo e disse para sua filha mais velha:

– Estou indo visitar a minha irmã. Enquanto isso, asse este garoto corajoso para o jantar.

– Está bem – disse a filha.

Quando o forno começou a esquentar, a menina disse para o garoto corajoso sair de onde estava.

– Deite-se na assadeira – ordenou.

Ele fez o que ela disse, mas ergueu uma das pernas até que seu pé tocasse no

teto, e o outro pé apoiou no chão. A garota, ao ver a cena, esbravejou:

– Não é desse jeito, não é assim!

– Então como é? Eu não sei, mostre para mim.

A filha da Baba Yaga deitou-se na assadeira. O garoto corajoso rapidamente agarrou um garfo, empurrou tudo para dentro do forno e voltou para o armário do fogão, esperando a Baba Yaga. Depois de algum tempo, ela entrou correndo e disse:

– Agora eu vou me regalar comendo o garoto corajoso e vou lamber até os ossos!

O garoto corajoso saiu de onde estava e respondeu:

– Regale-se comendo a sua filha e lambendo até os ossos!

A Baba Yaga ficou assustada e olhou dentro do forno. Ela encontrou a sua filha já assada e rugiu:

– Ah, você trapaceou, mas espere um pouquinho, você não vai sair daqui!

Ela ordenou que sua segunda filha assasse o garoto corajoso e saiu. A menina acendeu novamente o fogão e disse para o garoto corajoso que se deitasse na assadeira. Ele obedeceu, mas pôs um pé no teto e outro no chão. A garota reclamou:

– Não é desse jeito, não é assim!

– Então mostre para mim.

Ela se deitou na assadeira, o garoto corajoso empurrou-a para dentro do forno e voltou para o armário do fogão. Logo ele ouviu a Baba Yaga gritando:

– Agora eu vou me regalar comendo o garoto corajoso e vou lamber até os ossos!

O garoto corajoso saiu e respondeu:

– Regale-se comendo a sua filha e lambendo até os ossos!

A Baba Yaga ficou louca de raiva:

– Ah! Espere um pouquinho, você não vai sair daqui!

Ela ordenou à sua filha mais nova que o assasse, mas não adiantou: o garoto corajoso também a enganou e a empurrou para dentro do forno. Quando chegou em casa e descobriu aquilo, a Baba Yaga ficou ainda mais furiosa:

– Desta vez eu juro que você não vai escapar! Você vai pagar por tudo isso!

Ela acendeu o forno, esperou começar a esquentar e gritou:

– Venha, garoto corajoso, deite-se na assadeira!

Ele fez o que ela dizia, mas tocou o teto com um pé e o chão com o outro, e assim não pôde ser colocado dentro do forno. A Baba Yaga disse:

– Não é desse jeito, não é assim!

– Eu não sei como fazer isso, mostre para mim.

A Baba Yaga então se curvou e deitou na assadeira. O garoto corajoso empurrou-a para dentro do forno e correu de volta para casa. Feliz, passou a noite contando para seus amigos como foi que ele derrotou a Baba Yaga.





A Baba Yaga e a órfã

Havia um homem cuja mulher morrera deixando-lhe uma pequena filha chamada Tanyusha. O pai de Tanyusha amava-a ternamente, mas, como era mercador, frequentemente tinha que viajar para longe. Numa dessas viagens, ele conheceu uma bela mulher e casou-se com ela, esperando que a nova esposa se tornasse uma segunda mãe para a menina.

A nova mulher era gentil com Tanyusha, mas apenas quando o marido estava por perto. Quando o mercador viajava, ela maltratava a enteada. Até que um belo dia, decidida a se livrar da menina de uma vez por todas, chamou-a e ordenou:

– Tanyusha, preciso que você vá visitar a minha avó, que mora na floresta, numa cabana com pernas de galinha. Peça a ela para me emprestar a sua agulha especial. Vou fazer uma bonita camisa para você e preciso dela.

Isso pareceu suspeito a Tanyusha. A madrasta querendo lhe dar um presente? Tal coisa nunca acontecera antes. Ela concordou em ir, pois era uma menina obediente. Porém, no caminho, parou para visitar a sua velha avó, mãe de sua mãe morta, que era muito sábia. Quando soube para onde a neta estava indo, disse:

– Minha querida menina, sua madrasta má está mandando você para a casa da Baba Yaga, aquela horrível bruxa que come crianças! Mas fique calma, vamos dar um jeito nisso. Leve estes cinco objetos com você.

E, de dentro de um armário, tirou um lenço de seda bordado, uma fita vermelha, uma garrafa de óleo de girassol, uma fatia de pão fresco e um pedaço de presunto.

– Quando precisar, você saberá usá-los.

Mesmo preocupada, Tanyusha saiu da casa da velha avó e foi para a floresta.

Andou, andou, andou, até que finalmente chegou à isbá da Baba Yaga. A casa da bruxa dançava no alto de duas pernas de galinha gigantes. Em torno dela, havia uma cerca de ossos humanos, e, no alto de cada osso, uma caveira. Tanyusha aproximou-se da casa e disse:

– Cabaninha, cabaninha, de fundos para a floresta e de frente para mim.

No mesmo instante, as pernas de galinha pararam de dançar e se voltaram para a menina, deixando que ela visse a porta, que estava escondida, voltada para a floresta. Assim ela conseguiu entrar na casa.

Lá dentro, Tanyusha encontrou a velha feiticeira trabalhando num tear. Ela era bem mais horrível do que sua boa avó dissera.

– Boa tarde, minha senhora. Sua neta me mandou até aqui para pedir emprestada a sua agulha especial.

Baba Yaga sorriu, mostrando os dentes de ferro:

– Espere um pouco, minha netinha. Fique aqui fiando enquanto vou buscar a agulha para você.

Mas, na verdade, a velha bruxa foi procurar sua criada:

– Aqueça a água e prepare um banho para a menina. Quero que ela esteja bem limpinha quando eu for comê-la de manhã.

Quando Tanyusha viu a criada aquecendo o fogo, ficou desconfiada e pediu a ela que jogasse a água no fogão para apagar o fogo em vez de esquentá-la. Em troca, deu a ela o lenço de seda bordado. Logo depois, a Baba Yaga chegou e bateu na janela:

– Está fiando, minha querida?

– Estou, sim, avozinha – respondeu Tanyusha.

Então a Baba Yaga mandou seu grande gato preto vigiar a menina. Assim que ele se sentou diante dela, a garota tirou o presunto e deu a ele, perguntando se havia algum jeito de sair dali. O gato, então, deu a ela um pente e uma colcha, dizendo com voz de gente:

– Quando sair, a Baba Yaga vai seguir você. Coloque a orelha no chão para escutá-la chegando e, quando estiver bem perto, primeiro atire a colcha. Ela vai tentar mais uma vez, então, quando estiver bem perto novamente, atire o pente.

Tanyusha agradeceu e fugiu porta afora, mas um bando de cães a perseguiu. Ela jogou o pão fresco para eles, que se puseram a comer e a deixaram passar. Ao chegar perto do portão, ele começou a se fechar. A menina rapidamente derramou o óleo de girassol em suas dobradiças, e ele abriu-se, deixando-a passar. Finalmente, os ossos da cerca tentaram agarrá-la, mas a menina usou a fita de sua avó para amarrá-los uns aos outros.

Quando a Baba Yaga voltou, foi até a janela e perguntou:

– Está fiando, minha querida?

– Estou, sim, avozinha – respondeu o gato.

A bruxa entrou na cabana e encontrou o gato sozinho. Então percebeu que Tanyusha havia fugido e prontamente começou a bater no gato, acusando-o de

não ter vigiado a menina. O gato respondeu:

– Em todos esses anos em que vivo com você, sua bruxa, nunca recebi mais do que um osso, enquanto que Tanyusha me deu um pedaço de presunto.

Então a Baba Yaga gritou com a criada por ter deixado a menina fugir, mas ouviu dela:

– Durante todos esses anos, você só me deu trapos para vestir. Veja que lindo o lenço de seda bordado que Tanyusha me deu de presente!

Farta dos dois, a Baba Yaga correu pelo pátio e viu os cães comendo o pão contentes. Começou a repreendê-los, mas eles disseram:

– Só ganhamos pão duro durante todos esses anos. Esse pão fresquinho veio mesmo a calhar.

O mesmo aconteceu com o portão e os ossos. A Baba Yaga apenas ralhava ou abusava deles, mas Tanyusha lhes dera presentes, por isso eles a deixaram passar.

A bruxa então subiu em seu pilão mágico e, remando com a mão do pilão, se pôs a seguir a garota pela floresta. Então Tanyusha colocou o ouvido no chão e percebeu que a Baba Yaga estava chegando perto. Atirou a colcha ao chão, e este se transformou em um rio largo e caudaloso, que a Baba Yaga não conseguia atravessar.

A feiticeira voltou com dois bois, que beberam o rio até que ficasse seco, e recomeçou a caçada. Dessa vez, Tanyusha atirou o pente, que se tornou uma floresta densa, tão densa que nem os dentes de ferro da Baba Yaga podiam mastigar. Derrotada, a bruxa desistiu e voltou para a sua isbá.

A essa altura, o pai de Tanyusha tinha chegado em casa de sua viagem. Ele perguntou a sua mulher:

– Onde está minha filha?

– Ela foi à casa da avó – respondeu a mulher.

Mas, enquanto o mercador estava sentado à mesa esperando o jantar, Tanyusha entrou correndo.

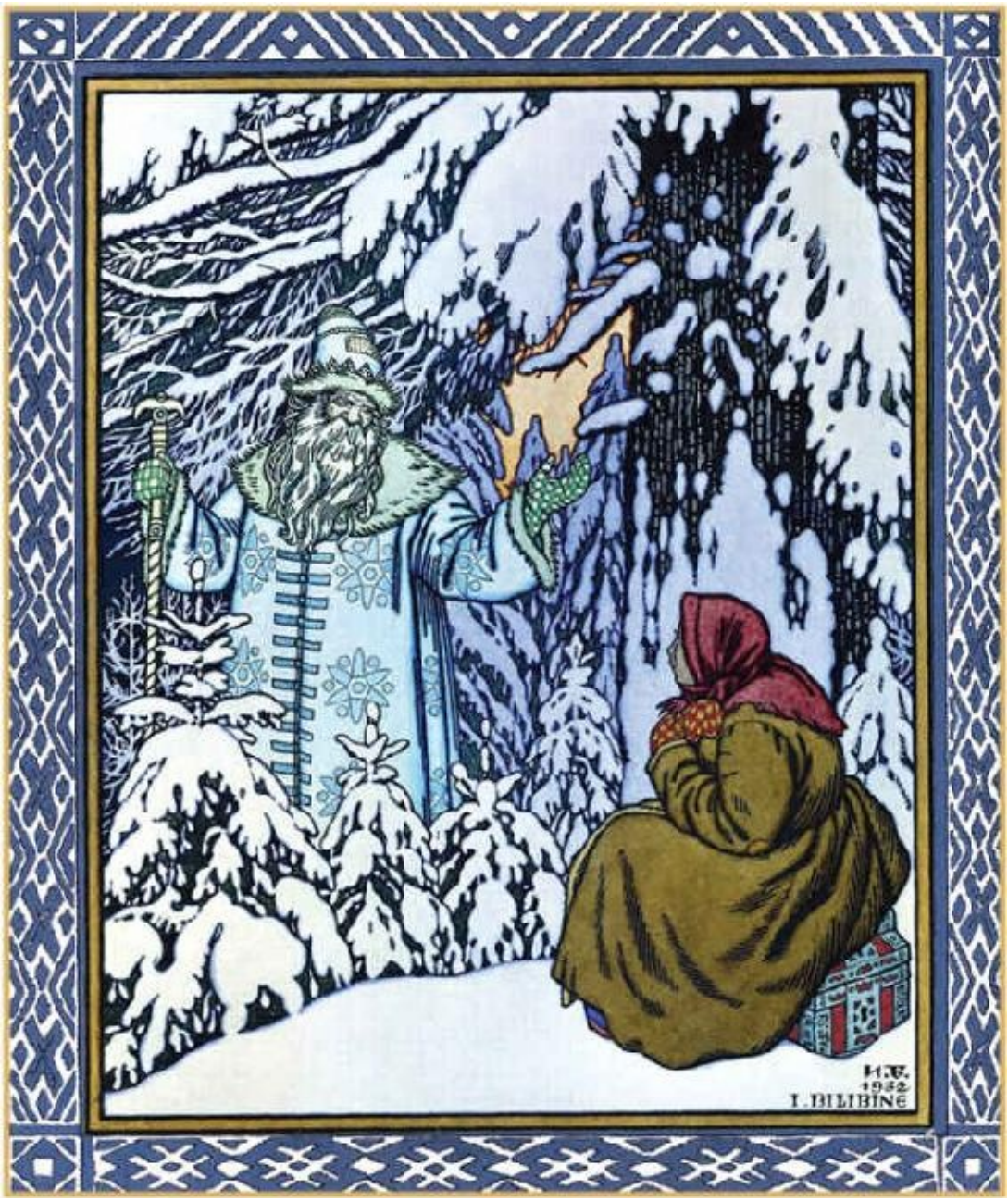
– Onde você esteve? – perguntou seu pai.

– Ah, pai! – disse ela. – Mamãe me mandou para a casa de sua avó pedir uma agulha especial. Mas a avó dela é a Baba Yaga e queria me comer!

– E como você fugiu, minha filha?

– Desta forma! – e contou ao pai toda a sua aventura.

Ao ouvir isso, o mercador ficou furioso. Ele perseguiu a mulher até a floresta, onde os lobos fizeram dela o prato principal. Mas ele e Tanyusha ficaram bem e viveram felizes em sua cabana.


1952
I. BILIBINE

Morozko, o Velho Inverno

Há muitos anos, numa floresta longínqua, moravam um lenhador viúvo e sua única filha, Anastácia. Ele sentia-se muito sozinho e preocupava-se que a filha crescesse sem uma mãe, por isso resolveu se casar novamente. A esposa que escolheu era uma viúva mais velha, que também tinha uma filha, chamada Maria.

Mas os sonhos que ele tinha não se tornaram realidade. Pouco após o casamento, a esposa revelou o que realmente era: uma mulher mesquinha, que só pensava em si e em sua filha. A viúva detestava a enteada e obrigava-a a cortar lenha, fazer comida, cozinhar e costurar. Dia e noite, Anastácia trabalhava. Por mais que se esforçasse, a madrasta só encontrava defeito em tudo o que a menina fazia. E, no entanto, ela era uma garota doce e obediente. O lenhador via tudo, mas ficava calado, pois tinha medo da mulher.

Certo dia, a mulher do lenhador resolveu se livrar de Anastácia de uma vez por todas. Chamou o marido e disse:

– Pegue sua filha e leve-a para algum lugar onde meus olhos não a vejam e meus ouvidos não a ouçam. Mas não quero que a leve para a casa de nenhum parente, onde terá o calor de uma lareira para se aquecer. Leve-a para o frio penetrante da floresta e deixe-a lá.

O velho lenhador, aflito, chorou muito, mas não pôde fazer nada. Como chorar não resolve coisa alguma, secou as lágrimas, armou-se de coragem e convidou Anastácia para um passeio na floresta. Caminharam por muito tempo, ele com o coração apertado, e ela sem desconfiar de nada. A menina tentava fazer o pai rir, sem entender sua infelicidade, mas isso apenas o entristecia ainda mais. Enfim, quando já estavam muito longe de casa, ela distraiu-se olhando uma planta, e ele saiu correndo e deixou-a lá para congelar.

Oh, pobre Anastácia! Ficou lá sentada num tronco na neve, com o corpo tremendo, os dentes batendo e os lábios e dedos tornando-se azuis de frio. Então Morozko, o Velho Inverno, com sua pele azulada e suas longas barbas de cristais de gelo, viu a menina sozinha na clareira. Ele resolveu se divertir dando nela seu abraço frio até congelá-la. Pulando de galho em galho, fazendo as árvores se

retorcerem, chegou bem perto de onde Anastácia estava e perguntou-lhe:

– Você está com frio, minha garotinha?

Embora estivesse gelada até os ossos, Anastácia não quis ferir os sentimentos do Velho Inverno e respondeu:

– Bem-vindo, meu querido Morozko. Não, estou aquecida o suficiente, obrigada por perguntar.

Morozko ficou tão compadecido com aquela gentileza que desistiu de congelá-la.

– Espere um pouco, minha garotinha. Logo virei lhe fazer companhia.

E saiu em meio às árvores, soprando e assobiando, enquanto a neve rodopiava ao seu redor. Pouco tempo depois, Morozko voltou para perto da garota e perguntou a ela novamente:

– Você está com frio, minha garotinha?

– Não, eu estou bem, meu querido Morozko – disse ela mais uma vez.

Então ele deu a ela um lindo casaco de pele de zibelina e um cobertor de plumas de ganso e tornou a ir embora. Quando a noite já estava alta, voltou para ver como Anastácia estava.

– Você está quente, minha garotinha? – perguntou.

– Bem-vindo de volta, meu querido Morozko – disse Anastácia. – Sim, estou bem quentinha.

Então, dessa vez, Morozko deu a ela uma grande caixa, onde havia lençóis, cobertores, toalhas, roupas de baixo e tudo o mais que fosse necessário para o enxoval de uma moça. Agora bem quentinha dentro de seu casaco de pele, Anastácia sentou-se em cima da caixa e preparou-se para passar o resto da noite.

Perto do amanhecer, Morozko voltou mais uma vez para ver a garota. Encontrou-a muito bem e, dessa vez, trouxe-lhe um vestido bordado de ouro e prata, adornou-a com joias e encheu a caixa com muitas pedras preciosas, colares, diademas, broches, brincos, braceletes e outros tesouros.

Enquanto isso, na isbá do pai de Anastácia, a mulher dele ordenou:

– Pegue a carroça e vá à floresta buscar o corpo de sua filha. Traga de volta o que sobrou dela.

O lenhador, com medo da mulher, obedeceu. A alegria tomou conta dele quando viu que Anastácia ainda estava viva, agasalhada por um casaco de pele e adornada com ouro e prata!

Quando o lenhador voltou para casa com a menina e a caixa pesada com o enxoval e as joias, a velha mulher ficou muito espantada. Abraçou Anastácia e, pela primeira vez, tratou-a muito bem. Depois, ordenou ao marido, com a voz

carregada de ganância:

– Esta noite mesmo, vá à floresta e leve minha filha, Maria. Deixe-a exatamente no mesmo lugar em que deixou Anastácia!

O velho lenhador obedeceu e levou Maria para a mesma clareira onde Anastácia passara a noite. Assim que se viu sozinha na floresta, a garota começou a tremer de frio e a bater os dentes. Num instante, Morozko chegou, sacudindo-se entre as árvores, e perguntou a ela:

– Você está com frio, minha garotinha?

– Você é cego? – respondeu ela, de mau humor. – Não vê que minhas mãos e meus pés estão congelando de frio? Maldito seja, seu velho miserável!

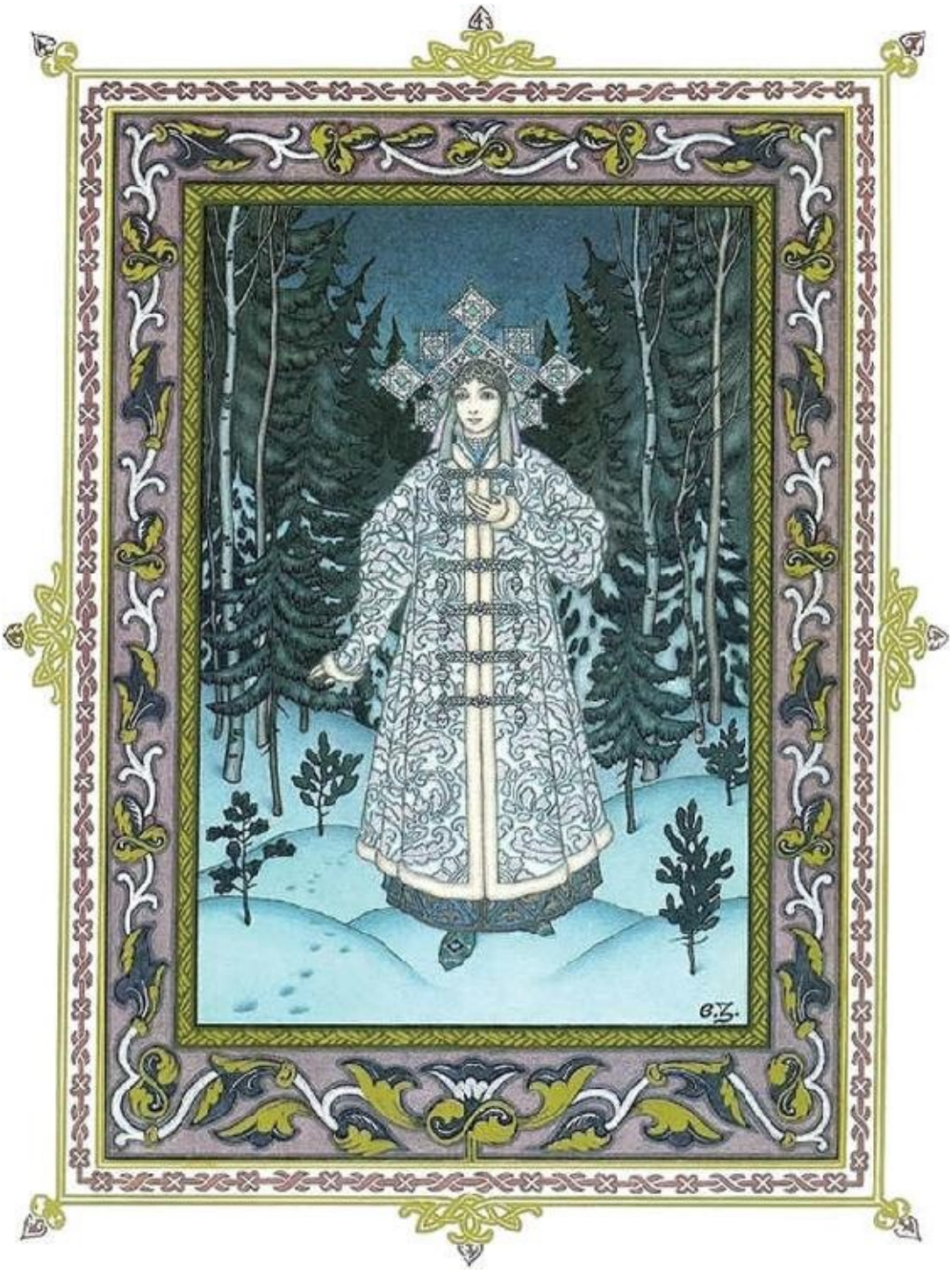
A aurora havia acabado de romper quando, na isbá do lenhador, sua mulher acordou-o e disse que buscasse sua filha, acrescentando:

– Seja cuidadoso com a caixa de joias.

O lenhador obedeceu. A mulher ficou preparando um banquete para receber sua filha, até que ouviu o portão do quintal ranger. Quando saiu, viu o marido parado perto do trenó. Ela correu, esperando ver Maria coberta de pedras e joias, mas, ao puxar a coberta, o que encontrou foi o corpo de sua filha congelado por Morozko. A velha mulher arrancou os cabelos de desespero, gritou e brigou com o marido, mas foi tudo em vão.

Tempos depois, a filha do lenhador casou-se com um vizinho, eu fui à festa e dancei e comi até cair.





Snegurochka, a donzela de neve

Há muito tempo, o Pai Inverno e a Mãe Primavera tiveram uma linda filha. Ela era feita de neve, e seu nome era Snegurochka. Conforme foi crescendo, Snegurochka tornou-se uma bela jovem.

Quando fez quinze anos, começou a se queixar de que estava sempre sozinha. Então seus pais perceberam que ela havia se tornado uma mulher e que não podia mais ser mantida isolada do resto das pessoas, como quando era criança. Eles entenderam que deviam deixá-la encontrar seu caminho no mundo, mas ficaram tristes por perdê-la.

Com medo de que Yarilo, o deus Sol, a derretesse, eles pediram a seu amigo, o Espírito da Floresta, que a protegesse. Ele prometeu mantê-la a salvo do deus Sol enquanto o amor de um homem não entrasse em seu coração. Os pais ficaram aliviados, pois o coração de Snegurochka era feito de gelo, então não podia amar. Assim, despediram-se dela e deixaram-na na floresta do reino de Berenday.

Snegurochka vagou por muito e muito tempo, sempre triste e solitária. Ela fez amizade com diversos animais, mas faltava algo em seu coração, pois não tinha ninguém para conversar.

Na mesma floresta, vivia um velho casal que havia tentado por anos ter filhos, sem sucesso. Seus dias eram muito solitários, e suas noites, muito tristes, porque não tinham nenhuma criança para lhes fazer companhia. Viviam uma vida simples, colhendo cogumelos e framboesas na floresta, e moravam numa pequena isbá.

Um belo dia, enquanto caminhava, Snegurochka aproximou-se da casa deles. Quando os dois velhos a viram, acharam-na tão bonita e agradável que a convidaram para ficar com eles e ser sua filha. Durante algum tempo, Snegurochka foi muito feliz vivendo com o casal, e o Espírito da Floresta protegeu-a de Yarilo, o deus Sol.

Certa vez, a moça estava olhando pela janela da isbá e viu um grupo de jovens dançando pela floresta, comemorando a Maslenitsa, a chegada da primavera. Ela nunca tinha falado com gente da sua idade, por isso,

envergonhada, ficou apenas observando de longe. Quando eles a viram, chamaram-na, dizendo:

– Venha, junte-se a nós em nossa celebração!

Snegurochka pediu permissão a seus pais adotivos e foi dançar, cantar e dar risadas com os outros jovens. Havia, entre eles, um jovem pastor, chamado Lel. Ele apaixonou-se perdidamente pela bela moça. Tocou sua flauta para ela e cantou lindas canções até o amanhecer.

Depois desse dia, Lel passou a visitá-la muitas vezes. Era comum ser visto embaixo de sua janela, tocando sua flauta e implorando que ela partisse com ele. Porém, o coração de Snegurochka era duro e frio como o gelo, e ela não conseguia se comover com as súplicas de Lel.

Todas as noites, durante a primavera e o verão, os jovens dançavam em círculo e cantavam canções sobre o amor. Snegurochka ficou muito triste porque seus amigos estavam todos apaixonados, mas ela não sentia amor em seu coração. Enquanto os outros namoravam, ela ficava sozinha, exceto por uma garota, Coupava, com quem fizera amizade. Conforme o verão seguia, ela e Coupava se tornavam mais amigas.

Um dia, Coupava trouxe seu noivo, Mizgir, para encontrar seus amigos e dançar com eles. Mizgir, ao ver Snegurochka pela primeira vez, apaixonou-se perdidamente. A moça, porém, tinha seu coração duro às súplicas do jovem.

Mizgir ficou muito triste ao ver que não era correspondido por Snegurochka. Ele estava completamente apaixonado por ela e, para onde olhava, pensava vê-la. No entanto, não importava quanto a procurasse e a perseguisse, o Espírito da Floresta protegia Snegurochka e a escondia de seus olhos.

Coupava ficou muito magoada porque Mizgir não lhe dava mais atenção. Quando seus amigos contaram-lhe que ele havia se apaixonado por Snegurochka e até tinha pedido sua mão, ela ficou furiosa. Foi se queixar ao czar de Berenday, acusando a donzela de neve de seduzir Mizgir e pedindo que Snegurochka fosse punida por isso.

O czar governava preocupado com o bem-estar de seu povo e procurava sempre fazer justiça, então ouviu atentamente a queixa de Coupava e disse que não poderia decidir nada sem ouvir Snegurochka. Mandou seus homens buscarem a donzela de neve para ouvir seu lado da história.

Ela ficou muito assustada quando os soldados chegaram para levá-la à presença do czar, e mais ainda quando entrou no palácio. Tudo era tão magnífico: lindos jardins cheios de flores, arbustos floridos e árvores de todo tipo, salas cobertas do chão ao teto com lindas pinturas, senhores e boiardos

vestidos com roupas finamente ornamentadas com joias, ouro e prata. O czar, sentado em seu trono cravejado de pedras preciosas, era mais esplêndido que todo o resto junto. De tão aterrorizada, Snegurochka mal podia olhar para ele.

Mas o czar acalmou-a, dizendo que a única coisa que queria era a verdade sobre Mizgir. Snegurochka respondeu que, embora ele a perseguisse e quisesse se casar com ela, ela não o amava e recusara-o de todas as formas. O czar percebeu que ela dizia a verdade e não tinha culpa de ter roubado de Coupava o coração de Mizgir. Então disse que ela poderia voltar para seus pais com sua bênção e que não se preocupasse, pois não havia feito nada de errado.

Quando saiu do palácio do czar, Snegurochka correu para a floresta para contar à Mãe Primavera tudo o que acontecera. Ela queixou-se:

– Mãezinha, todos se apaixonam e têm seus namorados, mas eu não posso amar ninguém. Isso me deixa muito triste.

A Mãe Primavera ficou compadecida e decidiu que poderia deixar Snegurochka amar ao menos uma vez. Deu a ela uma grinalda de flores:

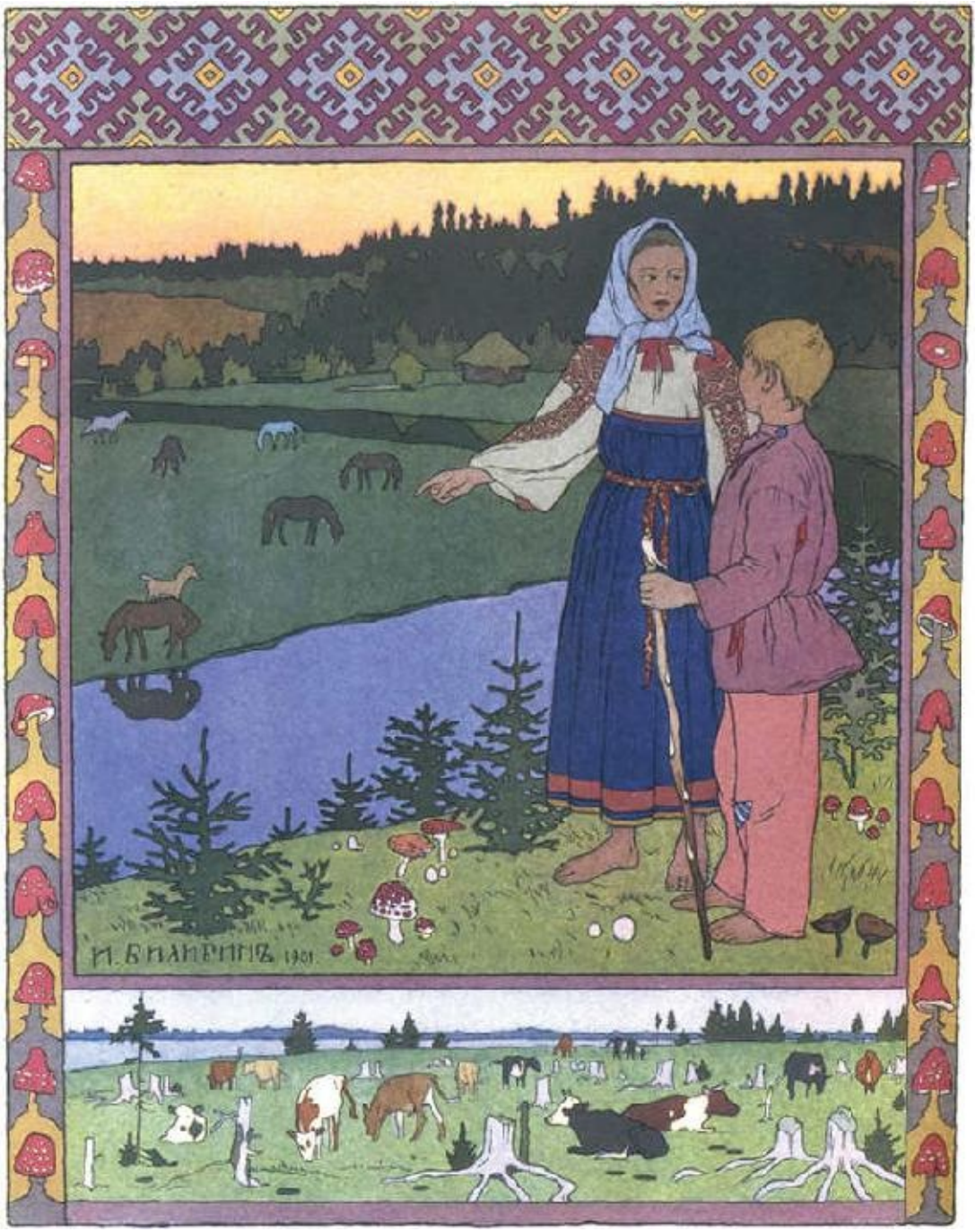
– Esta grinalda aquecerá seu coração e deixará que o amor nasça nele, minha filha.

Então a Mãe Primavera despediu-se de Snegurochka, ao mesmo tempo alegre, porque sua filhinha descobriria o amor, e triste, porque sabia o que o destino lhe reservava.

Quando Snegurochka voltou da floresta para a sua isbá, Lel estava esperando por ela debaixo de sua janela. Ela pediu que ele cantasse suas canções e tocasse flauta. Enquanto ouvia as belas canções de amor, o coração de Snegurochka aqueceu-se, e ela apaixonou-se por ele.

Lel suplicou mais uma vez que ela o seguisse, e dessa vez Snegurochka aceitou. Eles tiveram uma noite maravilhosa na companhia um do outro, cantando e dançando com seus amigos. Mas, ao amanhecer, quando Yarilo começou a espalhar seus raios pela floresta, um deles atingiu Snegurochka, e ela começou a derreter. Lágrimas rolaram por seus olhos enquanto lentamente ela ia virando uma poça de orvalho no chão. Uma das lágrimas ficou presa dentro de uma flor, que Lel colheu e guardou no peito até secar.




И. Билибинъ 1901.

Alyonushka e Ivanushka

Era uma vez, numa terra muito, muito distante, dois irmãos órfãos. A garota chamava-se Alyonushka, e seu irmãozinho, Ivanushka. Eles tinham acabado de perder os pais e saíram andando pelo mundo procurando alguém que os acolhesse.

Já fazia algum tempo que estavam vagando pela floresta quando Ivanushka começou a sentir sede, mas não havia água em lugar algum. Andando mais para dentro da floresta, acharam no chão o casco de uma vaca cheio de água.

– Posso beber essa água, irmã? – perguntou o pequeno Ivanushka.

– Não, você se transformará num bezerro – respondeu Alyonushka.

Eles continuaram andando, e, quanto mais caminhavam, mais a sede do pequeno Ivanushka aumentava. Então eles encontraram o casco de um cavalo cheio d'água.

– E essa água, irmã, posso beber? – perguntou Ivanushka.

– Não, se beber, irá se transformar num potro – respondeu Alyonushka.

Os dois caminharam mais algum tempo, e Ivanushka foi ficando com mais e mais sede. Então eles encontraram um casco de bode cheio de água.

– Posso beber daí, irmã? – perguntou Ivanushka.

Alyonushka mais uma vez foi firme:

– Não, se você fizer isso, se transformará num cabrito.

Mas dessa vez o irmão estava com tanta sede que desobedeceu e, ao primeiro gole, virou um pequeno e malcheiroso filhote de bode.

Alyonushka sentou-se na beira da estrada, chorando pela desobediência do irmão, que pastava mais adiante.

– O que vou fazer agora? – perguntava-se.

Em meio a suas aflições e lamentos, não reparou que um mercador se aproximava e, assim, tomou um susto quando o homem, com ar preocupado, questionou:

– O que a aflige, minha menina?

Alyonushka contou a ele a desgraça que se abatera sobre o irmão, que agora

saltitava contente, com a barriguinha cheia d’água. Compadecido com a história da garota, o mercador fez a ela uma proposta:

– Case-se comigo. Nós dois viveremos felizes, e nada irá faltar ao seu irmão cabritinho.

Alyonushka aceitou, e então eles viveram felizes por um bom tempo. Um dia, porém, uma bruxa malvada viu o mercador e apaixonou-se por ele. O mercador, no entanto, era totalmente apaixonado por Alyonushka e não a trocaria por alguém como aquela mulher.

Então a bruxa malvada criou um plano para se livrar da garota. Um dia, disfarçada como uma doce e meiga avozinha, esperou Alyonushka e seu irmão cabrito passarem perto de um lago e fingiu que se afogava. A moça ficou aflita e aproximou-se da margem para tentar salvar a pobre velhinha.

No mesmo instante, a bruxa voou do lago para cima da jovem e atou uma pedra em torno do pescoço dela. Depois atirou-a, com pedra e tudo, para o fundo do lago. Com um passe de mágica, a bruxa malvada criou uma nuvem colorida e entrou nela. Quando saiu, estava com a aparência de Alyonushka e foi para a casa do mercador, passando a viver como sua esposa.

A bruxa viveu com o mercador por algum tempo, sem que ele percebesse seu truque. Apenas o pobre Ivanushka, que a tudo assistira, sabia a verdade a respeito do que acontecera. Por isso ia sempre ao lago, onde ficava conversando com Alyonushka e contando tudo que acontecia em sua casa.

Um dia, a bruxa seguiu Ivanushka e viu-o falando com a irmã, que continuava presa no fundo do lago. Decidiu que era hora de colocar um fim ao cabrito intrometido e resolveu pedir para o mercador matá-lo. O mercador não entendeu nada:

– Como assim? Quer que eu mate o seu irmão?

– Se você me ama, fará como eu lhe peço – disse Alyonushka, que na verdade era a bruxa.

Mesmo contrariado e com muita pena do cabrito, o mercador pegou um machado e levou Ivanushka para a floresta. O marido de Alyonushka realmente gostava bastante do animal, como se ele fosse uma pessoa. Quando Ivanushka percebeu o que iria acontecer, pediu, como último desejo, que pudesse ir até o lago para beber um pouco de água. O mercador prontamente concordou.

Na margem do lago, o cabrito contou para a sua irmã o que estava acontecendo e implorou que ela o ajudasse.

– Mas como, meu irmãozinho? Estou com uma pedra pesada amarrada em volta do pescoço. Não consigo sair do lago!

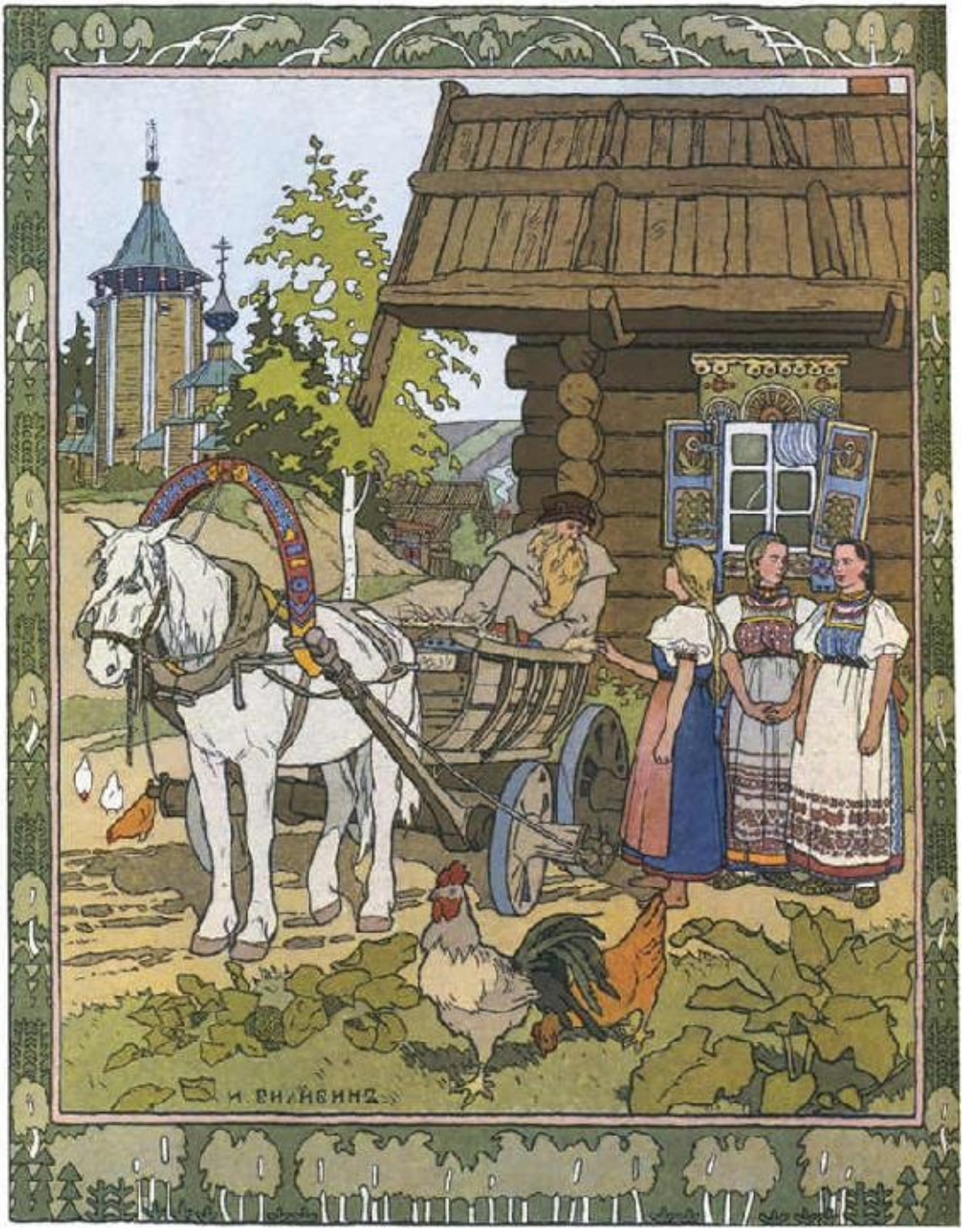
Entretidos em sua aflição, os dois irmãos não perceberam que um camponês,

conhecido do mercador, passava por perto e escutava toda a conversa. Ele correu para contar tudo o que ouvira a seu amigo. Explicou que a bruxa o enganara e que sua mulher estava no lago.

Depois de ouvir a história do camponês, o mercador correu para o lago e atirou-se em suas águas. Nadou, nadou e nadou até encontrar Alyonushka. Com uma faca, cortou as cordas que mantinham a pedra presa ao seu pescoço e a libertou. Quando a bruxa veio ver se o mercador tinha matado o cabrito, ele agarrou-a, amarrou-a a um cavalo e tocou o animal para longe no campo.

O cabritinho ficou tão feliz de ter escapado da morte que se empolgou e deu três cambalhotas. Quando caiu no chão de novo, parou sobre seus dois pés, voltando a ser um lindo menino.




И. БИЛИБИНЪ

A pena de Finist, o falcão

Há muitos anos, numa terra muito distante, existia um mercador rico e viúvo que tinha três filhas. As duas mais velhas apenas se interessavam por festas e roupas, enquanto a mais jovem, Maria, não se importava de trabalhar muito e tomar conta da casa para o seu pai, fazendo todas as tarefas domésticas.

Certo dia, o mercador ia viajar para outra cidade a negócios e perguntou às suas filhas que presentes elas gostariam que ele trouxesse. As duas mais velhas pediram tecidos caros para fazerem vestidos, mas Maria, humildemente, disse:

– Tudo o que eu quero, pai querido, é uma pena de Finist, o falcão.

Quando o pai voltou da viagem, ele trouxe belas fazendas ricas para cada uma das filhas mais velhas, mas nada para Maria. Ele contou a ela que não pudera encontrar ninguém no mercado que tivesse ouvido falar na pena de Finist, o falcão. As mais velhas fizeram belos vestidos e zombaram de Maria, mas ela não se importou.

Algum tempo depois, o mercador viajou para outra cidade ainda mais distante. Suas filhas mais velhas pediram a ele para comprar novas estolas de seda, mas Maria novamente pediu:

– Tudo o que eu quero, pai querido, é uma pena de Finist, o falcão.

Mais uma vez, ele trouxe presentes caros para as filhas mais velhas, mas não havia ninguém no mercado que tivesse ouvido falar da pena de Finist, o falcão, que a mais nova tanto desejava.

Quando o mercador planejou sua próxima viagem, dessa vez para muito mais longe que as outras, as filhas mais velhas pediram novos brincos, mas Maria disse, novamente:

– Tudo o que eu quero, pai querido, é uma pena de Finist, o falcão.

Na cidade, o pai encontrou lindos brincos para as filhas mais velhas, mas, como das outras vezes, ninguém soube dizer onde conseguiria achar uma pena de Finist, o falcão. No entanto, quando estava voltando para casa, ele encontrou um velho com uma pequena caixa em suas mãos.

– O que você tem na caixa, bom homem? – perguntou o mercador.

– Uma pena de Finist, o falcão – respondeu o velho.

– Por favor, venda-a para mim – pediu o mercador.

O velho respondeu:

– Esta pena não está à venda, mas eu posso dá-la de presente para um homem bom, como você.

Quando ele voltou para casa com a pena, Maria ficou muito feliz. Abraçou-o e agradeceu, depois correu para o quarto. Ela tirou a pena da caixa, agitou-a no ar, e um falcão entrou pela janela. Então a moça deixou a pena cair no chão, e o pássaro transformou-se num belo jovem. Eles começaram a conversar alegremente, trocando palavras de amor.

Mas a casa não era muito grande, e não havia como tal mágica ficar em segredo. As irmãs de Maria escutaram ruídos no quarto dela e, achando que tinham ouvido uma voz de homem, bateram na porta.

– Quem está aí com você, irmãzinha?

– Não há ninguém comigo – respondeu Maria. – Estou falando sozinha.

– Bem, então abra a porta.

O galante rapaz, então, transformou-se novamente em falcão e voou pela janela. Maria abriu a porta. Quando as irmãs entraram e não encontraram ninguém, ficaram muito aborrecidas e saíram desconfiadas.

Nas noites seguintes, Maria foi para o quarto logo depois do jantar. Então, bastava que pegasse a pena e a agitasse para que Finist entrasse janela adentro, voando, para visitá-la. Mas, na terceira noite, as duas irmãs mais velhas viram quando ele saía e resolveram dar um jeito de acabar com aquilo.

Enquanto Maria estava fora no mercado, as irmãs colocaram facas afiadas e agulhas no batente da janela. A mais nova não suspeitou de nada e, naquela noite, após agitar a pena, acabou cochilando enquanto esperava por Finist. Quando o falcão tentou entrar no quarto, os objetos afiados feriram suas asas e, por mais que tentasse, ele não conseguiu entrar. Então disse tristemente a ela:

– Adeus, minha querida. Se você me ama realmente, me encontrará nos confins do mundo, no último reino. Mas, antes de me encontrar, terá de gastar três pares de sapatos de ferro.

E voou para longe…

Com os primeiros raios de sol da aurora, Maria despertou e descobriu as lâminas cobertas de sangue no batente da janela. Ela chorou e chamou por Finist por muito tempo, mas não obteve resposta. Então foi ao ferreiro, mandou fazer três pares de sapatos de ferro e saiu pelo mundo, em busca de seu amado.

Maria caminhou por dias e dias pela floresta e, quando já havia gastado um

par de sapatos de ferro, finalmente chegou a uma pequena isbá. Uma velhinha, que era a Baba Yaga, chegou à porta e perguntou a ela:

– Aonde você vai, minha bela?

– Encontrar Finist, o falcão, avozinha.

– Oh, é um longo caminho – disse a Baba Yaga. – Eu vou ajudar você. Pegue este prato de prata e estes ovos dourados. Não os venda por dinheiro, mas negocie com eles uma conversa com Finist. Pegue esta bola e jogue adiante de você. Ela irá guiá-la para a casa de minha irmã, que saberá o que fazer.

Maria pegou o presente, agradeceu à avozinha e jogou a bola no chão. A bola começou a rolar pela estrada afora, com a jovem em seu encalço. Quando tinha gastado o segundo par de sapatos de ferro, Maria chegou a outra isbá, onde encontrou a segunda Baba Yaga, ainda mais velha do que a primeira.

– Aonde você vai, minha bela?

– Encontrar Finist, o falcão, avozinha.

– Oh, você ainda tem muito o que caminhar. Pegue esta agulha de ouro. Não a venda por dinheiro, mas a negocie por uma conversa com Finist.

Deu-lhe outra bola para que jogasse adiante até chegar à casa de sua irmã mais velha. Maria tinha gastado o terceiro par de sapatos de ferro quando chegou à terceira isbá e encontrou a terceira Baba Yaga, tão antiga quanto as árvores.

– Aonde você vai, minha bela?

– Encontrar Finist, o falcão, avozinha.

– Finist, o falcão, vive no palácio da cidade que fica depois daquela montanha. Pegue este fuso de ouro. Não o venda por dinheiro, mas negocie com eles uma conversa com Finist.

Finalmente, Maria chegou à cidade. Ela perguntou às pessoas sobre Finist e descobriu que ele vivia no palácio da princesa daquele país, que queria se casar com ele. Maria foi até a cozinha e pediu para trabalhar como serva, e logo foi contratada para lavar louça.

Certa noite, depois de um longo dia de trabalho, ela sentou-se e começou a brincar com o prato de prata e os ovos de ouro. A princesa a viu e ficou encantada com esses raros tesouros. Ofereceu muito dinheiro em troca deles, mas Maria, lembrando-se do conselho das três bruxas, respondeu:

– Não posso vendê-los. Mas, se você me deixar falar com Finist, o falcão, esta noite, eu os darei a você como presente.

A princesa concordou, mas suspeitou que havia algo errado ali. Por isso, colocou na ceia de Finist um pó, para que ele dormisse. Quando Maria foi ao quarto de Finist, começou a falar com ele:

– Meu querido Finist, acorde. Gastei três pares de sapatos de ferro e viajei até o último reino, mas não deixei de pensar em você nem um minuto, meu amor.

Mas ele estava profundamente adormecido e não a podia ouvir. Depois de muitas tentativas, Maria saiu do quarto de Finist e voltou para a cozinha, muito triste.

No dia seguinte, depois do trabalho, Maria estava sentada brincando com a agulha de ouro quando a princesa a viu novamente. Ofereceu dinheiro pela agulha, mas Maria respondeu que a daria se a deixasse falar com Finist, o falcão. Mas a princesa voltou a colocar o pó na ceia para que ele dormisse. Maria mais uma vez tentou despertá-lo:

– Meu querido Finist, acorde. Gastei três pares de sapatos de ferro e viajei até o último reino, mas não deixei de pensar em você nem um minuto, meu amor.

Porém, novamente, ele não a ouviu. No terceiro dia, Maria brincava com o fuso de ouro quando a princesa a viu e desejou também esse objeto. Ofereceu dinheiro, mas Maria disse que daria a ela em troca de mais uma noite com Finist, o falcão. A princesa o fez adormecer de novo. Quando Maria entrou no quarto, disse a ele novamente:

– Meu querido Finist, acorde. Gastei três pares de sapatos de ferro e viajei até o último reino, mas não deixei de pensar em você nem um minuto, meu amor.

Mas foi inútil: ele mais uma vez não ouviu. Percebendo que havia perdido sua última chance, Maria chorou e chorou. Depois de muito tempo, uma lágrima em brasa rolou por sua bochecha e caiu sobre o rosto de Finist. Ele abriu os olhos e exclamou:

– Alguma coisa me queimou!

– Querido Finist – disse ela –, sou eu, sua Maria. Gastei três pares de sapatos de ferro e viajei até o último reino, mas não deixei de pensar em você nem um minuto, meu amor. Esta é a terceira noite que passo a seu lado, sem que você acorde!

Só então Finist a reconheceu:

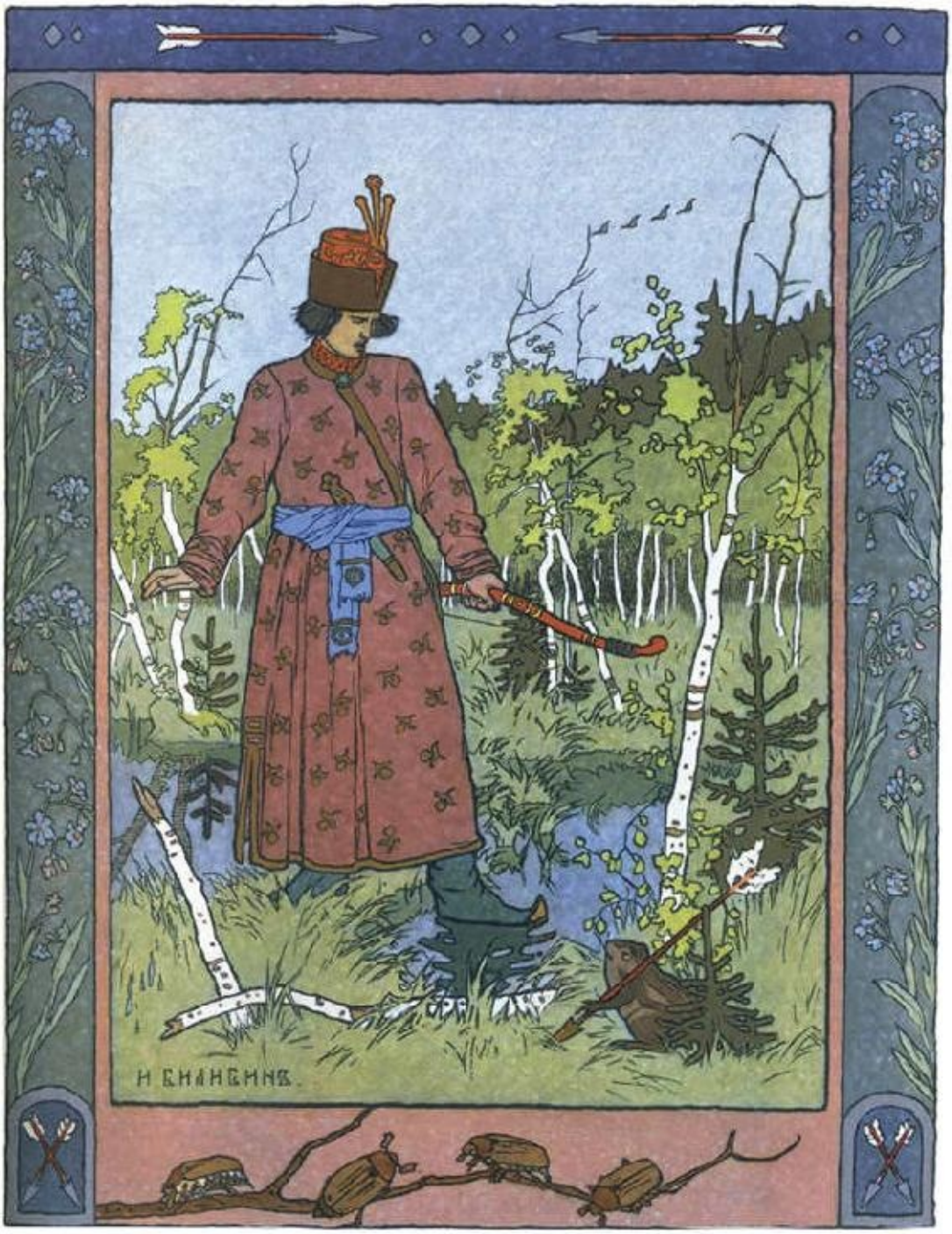
– Querida Maria, estou tão feliz por ver você de novo!

Os dois abraçaram-se, e ela contou a ele sobre suas aventuras desde o último encontro. Eles fugiram do palácio da princesa, que, quando descobriu, mandou seus soldados procurarem os dois por toda parte. Mas foi em vão: os vestígios deles já tinham desaparecido havia muito tempo.

Finist e Maria voltaram para a casa dela para pedir a bênção de seu pai. Eles

perdoaram as irmãs mais velhas, casaram e viveram felizes para sempre.




И. БИЛИБИНЪ.

A princesa sapo

Era uma vez, num reino muito distante, um czar que tinha três filhos solteiros: Alexander, Nikolai e Ivan. O czar decidiu que já estava mais do que na hora de eles se casarem e lhe darem netos. Reuniu os três na sala do trono e ordenou:

– Vão para o pátio e disparem, cada um de vocês, uma flecha para o ar, tão longe quanto puderem. Vocês irão se casar com as mulheres que trouxerem as flechas de volta.

Os três fizeram como o pai havia ordenado. A flecha de Alexander, o mais velho, caiu no pátio da casa de um boiardo, e sua filha apanhou-a e levou-a para o palácio. A flecha de Nikolai, o filho do meio, caiu no pátio de um mercador, onde sua filha a encontrou. A do mais novo, o príncipe Ivan, caiu num pântano, e um sapo fêmea trouxe-a na boca até o palácio.

Apesar de desgostoso com o que lhe coubera, como filho obediente, ele fez o que seu pai pedira. Na mesma noite, os três casaram-se com suas respectivas noivas.

É claro que os dois filhos mais velhos e suas esposas nunca se cansavam de rir do irmão mais novo e de sua mulher-sapo. O príncipe Ivan ficava muito triste, mas mantinha o acordo e tratava o sapo como se fosse uma princesa. Mas esse era mesmo um sapo especial: ele tinha a capacidade de falar.

Certo dia, o czar chamou seus três filhos e disse:

– Eu quero que cada uma de suas mulheres costure para mim a melhor camisa que puderem até amanhã de manhã.

Os dois primeiros filhos saíram para levar a ordem do czar a suas esposas, enquanto o príncipe Ivan chegou a sua casa abatido. Quando o sapo perguntou a ele o que ele tinha, Ivan disse:

– Meu pai quer que você costure para ele uma linda camisa até amanhã!

– Oh, não se preocupe, príncipe Ivan – respondeu o sapo –, apenas vá para a cama. A manhã é mais sábia que a noite.

Naquela noite, enquanto todos dormiam, o sapo tornou-se uma linda princesa

chamada Vasilisa, a Sábia. Ela bateu palmas e disse:

– Venham, minhas damas e servas, costurem para mim uma camisa como a que eu vi com meu querido pai!

Pela manhã, Ivan acordou e viu sobre uma cadeira a camisa mais bonita que jamais se vira, bordada com fios de ouro e de prata. Ele pegou-a e correu feliz para o palácio. O czar detestou a camisa de suas outras noras, mas ficou feliz quando viu a linda camisa que Ivan trouxera.

Alguns dias depois, o czar ordenou aos filhos:

– Eu quero que suas mulheres assem o melhor pão que puderem para mim até amanhã.

Mais uma vez, Ivan chegou abatido em casa e contou para a esposa sapo o que seu pai havia mandado fazer.

– Não se preocupe, querido esposo, vá para a cama. A manhã é mais sábia que a noite.

Após o marido adormecer, transformou-se novamente numa linda princesa. Chamou suas cozinheiras e ordenou que fizessem o melhor pão já produzido.

O czar achou horrível o gosto dos pães das outras noras, mas o pão da esposa sapo de seu filho lhe pareceu tão delicioso quanto os mais caros manjares.

– Meus queridos filhos – disse o czar após terminar de comer o pão –, amanhã eu darei uma festa no palácio. Quero que vocês tragam suas mulheres vestidas com as mais belas roupas.

O príncipe Ivan foi para casa e contou a sua mulher sobre a festa. O sapo disse a ele:

– Não se preocupe, príncipe Ivan, vá para a festa sozinho. Eu irei mais tarde.

No dia seguinte, Ivan, conforme combinado, foi sozinho para a festa. Seus irmãos e cunhadas começaram a rir e zombar dele e perguntavam a todo instante:

– Onde está sua mulher-sapo?

De repente, todos na festa ouviram um som estrondoso que se aproximava mais e mais dos jardins do palácio. Quando correram para as janelas, viram, no pátio logo abaixo uma linda carruagem dourada à entrada. A porta do salão abriu-se, e todos se voltaram para ver Vasilisa, a Sábia, entrando. Qual não foi o espanto dos convidados, de Alexander, Nikolai e suas esposas, ao verem aquela bela e radiante jovem tomar a mão que o príncipe Ivan lhe ofereceu e caminhar para o seu lugar na mesa de banquete.

Durante o jantar, Vasilisa, depois de comer o prato principal, que era cisne assado, pôs alguns dos ossos dentro de uma das mangas. Ao beber do delicioso vinho, deixou cair um pouco dentro da outra manga. Suas cunhadas, invejosas de

sua beleza e de seus dons, repetiram tudo o que ela fazia.

O czar ordenou que se tocasse música para que seus convidados dançassem. Ao som dos primeiros acordes, Vasilisa pediu para dançar com Ivan. Eles se dirigiram para o centro do salão, e, enquanto dançavam, Vasilisa agitou suas mangas. De onde havia deixado cair vinho, um lindo lago surgiu, e, da manga onde estavam os ossos, cisnes saíram voando e foram pousar no lago. Suas cunhadas imitaram-na, mas só conseguiam salpicar os convidados com vinho e atirar ossos sobre a pista de dança.

Ivan, impressionado com sua esposa, perguntou então a ela:

– Mas como isso é possível? Eu me casei com um sapo e encontro uma linda princesa!

Então Vasilisa contou a ele a verdade. Ela foi transformada em sapo pelo próprio pai, por ser muito mais sábia que ele. Porém, ela conseguia se transformar na linda princesa quando tirava a pele de sapo.

Ele ficou tão feliz de ter uma mulher tão maravilhosa que correu de volta para casa enquanto todos ainda estavam na festa e queimou a pele de sapo, para que sua mulher continuasse sempre bela. Mas não era tão simples quanto o príncipe Ivan achava. Quando Vasilisa voltou para casa e não encontrou a pele, ela ficou triste e disse:

– Ah, príncipe Ivan, você não tem ideia do que fez. Se você tivesse esperado mais três dias, eu seria sua mulher para sempre. Mas agora eu devo viver como prisioneira de Koschei, o Imortal.

E, ao terminar de dizer isso, desapareceu. Ivan chorou pesarosamente o resto da noite. Quando amanheceu, arrumou suas coisas e saiu em busca de Koschei, o Imortal, para recuperar Vasilisa. No caminho, ele encontrou um velho e contou a ele o que acontecera. O velho disse:

– Se você quer encontrá-la de novo, pegue esta bola e siga-a até ela parar de rolar pelo chão.

Ivan seguiu a bola pela floresta, onde encontrou um urso. Como tinha muita fome, ia atirar uma flecha no animal, mas ele implorou por sua vida:

– Não me mate, meu jovem príncipe. Eu vou ajudá-lo no futuro.

Continuando a jornada pela floresta, Ivan viu um ganso e quis matá-lo com uma flecha. Mas o ganso pediu:

– Não me mate, príncipe Ivan. Eu posso ser de grande ajuda para você.

Então Ivan continuou caminhando atrás da bola e foi ficando com cada vez mais fome. Ele cruzou com um coelho e quis matá-lo, mas o coelho lhe fez a mesma proposta que o urso e o ganso: se sua vida fosse poupada, ele o ajudaria futuramente.

A bola levou Ivan até a beira do mar. Lá, o príncipe encontrou um lúcio. Assim como o urso, o ganso e o coelho, o peixe também pediu por sua vida em troca de ajudar Ivan quando este necessitasse.

Continuando atrás da bola, Ivan chegou a uma pequena isbá com pernas de galinha, onde vivia a Baba Yaga. Ele contou à velha bruxa sua história. Ela, após muito pensar e refletir, e vendo que Ivan era osso e pele, decidiu ajudá-lo, em vez de devorá-lo.

– Vasilisa está na casa de Koschei – disse a Baba Yaga. – É difícil vencê-lo, pois a sua morte está na ponta de uma agulha, a agulha está dentro de um ovo, o ovo está dentro de um pato, o pato está dentro de um coelho, o coelho está dentro de uma arca de pedra, e a arca está no topo de um alto carvalho.

Ivan agradeceu à Baba Yaga e continuou caminhando até encontrar o carvalho. Porém, ele era alto demais para ser escalado e grosso demais para ser cortado. De repente, o urso que Ivan poupara apareceu e arrancou a árvore pela raiz. A arca de pedra caiu da árvore e quebrou-se. O coelho pulou de dentro dela e tentou fugir. Mas o coelho que Ivan poupara alcançou o outro e matou-o. O pato voou de dentro do coelho, mas o ganso que Ivan poupara apanhou-o. O ovo caiu de dentro do pato e rolou para o mar. O lúcio que Ivan poupara encontrou o ovo e trouxe-o para o príncipe.

Ivan abriu o ovo e quebrou a ponta da agulha: Koschei morreu instantaneamente em seu palácio. Vasilisa agora estava livre. O príncipe Ivan e Vasilisa voltaram para casa juntos e foram felizes pelo resto de seus dias.





O czar Saltan

Num reino muito distante, há muitos e muitos anos, havia um jovem czar chamado Saltan. Ele era tão belo, inteligente e corajoso que fazia muitas jovens sonharem à noite. O czar Saltan costumava andar à noite nas ruas de sua capital para escutar o que as pessoas do povo diziam sobre seu reinado. Numa dessas noites, estava passando perto da janela de uma casa quando escutou três irmãs que conversavam enquanto bordavam.

A mais velha disse:

– Se o czar casasse comigo, eu cozinharia as coisas mais maravilhosas para ele. Faria os pratos mais raros e mais deliciosos e assaria um pão tão gostoso como não há outro igual no mundo. Assim, prepararia uma grande festa e convidaria muita gente. Todos os convidados iriam elogiar a magnificência do czar.

Saltan, que ouvia, pensou: “Isso seria um pão muito bom, e um jantar maravilhoso. Mas o pão que eu como não é mau, e gosto do jantar que como”.

A segunda então falou:

– Se o czar casasse comigo, eu iria tecer as mais maravilhosas roupas para ele. Usaria o mais fino linho e os mais lindos fios de ouro e prata para vestir não só o czar, mas toda a sua corte, e ela seria a mais esplêndida da Terra. Seu casaco seria tão brilhante que ofuscaria até o pássaro de fogo.

“Seriam bons tecidos”, pensou o czar. “Mas eu não tenho muita necessidade de roupas tão esplêndidas.”

A mais nova, por sua vez, afirmou, sonhadora:

– Se o czar casasse comigo, eu daria a ele um filho, um herdeiro incomparavelmente belo e valente, que seria o orgulho de todo o reino. Ele seria tão corajoso como o falcão, e seus cabelos teriam o brilho das estrelas.

Dessa vez, o czar Saltan gostou muito do que ouvia. “Eu seria muito feliz sendo o pai de um filho assim”, pensou, e imediatamente se apaixonou pela moça. Ele não perdeu tempo: bateu na porta e entrou. As três irmãs tomaram um grande susto quando viram o czar, e um susto maior ainda quando ele se ajoelhou diante da garota mais jovem e pediu que ela fosse sua mulher.

– E quanto a vocês – disse ele –, não se preocupem. Realizarei seus desejos. Venham morar conosco em meu castelo. Você – e apontou para a mais velha – será a chefe das cozinheiras, e você – disse para a irmã do meio – será a responsável pelas tecelãs reais.

Levou as três para o palácio, junto com sua mãe, e na mesma noite casou-se com a irmã mais nova. Pouco tempo depois, ela concebeu um filho.

Porém, a felicidade do czar e de sua esposa logo sofreu um abalo. Após um longo período de paz, os exércitos de um país vizinho invadiram o reino do czar Saltan. Ele não teve outra escolha a não ser deixar sua amada esposa e ir à guerra para proteger seu povo e suas terras. Enquanto estava fora, sua esposa deu à luz seu filho, um lindo menino, forte e saudável como nunca se vira. Um mensageiro foi enviado ao czar para contar as boas-novas.

As duas irmãs e sua mãe morriam de inveja da caçula, que se tornara czarina, enquanto elas foram transformadas em serviçais. Então, para se vingarem, embebedaram o mensageiro e trocaram a carta que ele levava. Em vez da boa-nova, ela dizia o seguinte: “Sua esposa, a rainha, não pariu nem filho, nem filha, mas deu à luz uma criaturinha esquisita que ninguém soube dizer o que é”.

Quando o czar leu a carta, ficou tão nervoso que gritou:

– Enforquem o mensageiro que trouxe tais notícias!

Porém, logo depois, arrependeu-se e ordenou que ele retornasse ao palácio levando uma resposta sua. A mensagem ordenava que ninguém fizesse mal à sua esposa nem tomasse qualquer atitude até seu retorno.

Mas, quando o mensageiro voltou, as irmãs e sua mãe esperavam por ele. Novamente o deixaram bêbado e trocaram a mensagem do czar por uma carta falsa, em que era ordenado que sua mulher, a czarina, e o bebê fossem colocados num barril e jogados ao mar.

Uma ordem do czar era lei, não se questionava. Assim que a mensagem chegou, a guarda do palácio pôs a rainha e seu filho num barril, que foi bem selado com alcatrão e jogado no mar.

Quando o czar Saltan voltou da guerra, pronto para perdoar sua mulher, a quem muito amava, descobriu o que acontecera. Ficou furioso e mandou matar o mensageiro, mas era tarde demais. Tudo o que ele podia fazer era se lamentar por sua amada mulher e seu filho, que julgava terem se afogado.

Mas isso não aconteceu, pois o barril flutuou, levando-os longe pelo mar. Enquanto as ondas atiravam o barril de um lado para o outro, a czarina chorava, e seu filho ficava mais forte, não a cada dia, como seria o normal, mas a cada minuto, e crescia como se as horas fossem anos.

Logo, quando se transformara num jovem forte e bonito, pediu para as

ondas:

– Oh, ondas, que são livres para ir aonde querem, vocês que balançam os navios e castigam as rochas, eu suplico a vocês para que nos poupem e nos levem em segurança à terra seca!

As ondas escutaram e obedeceram, e o jovem e sua mãe chegaram sãos e salvos a uma ilha deserta.

Mãe e filho, depois de dias no mar, estavam famintos. O rapaz pegou alguns ramos de um carvalho, construiu um arco e algumas flechas e foi caçar. Estava andando há algum tempo em busca de caça quando chegaram até seus ouvidos gritos penetrantes que vinham da direção do mar. Ele correu para ver o que estava acontecendo e avistou um lindo cisne branco lutando ferozmente com um grande e malvado falcão negro, que estava quase bicando seu longo pescoço. O jovem, aflito com a cena, não pensou duas vezes: pegou o arco, armou uma flecha e disparou, acertando em cheio o falcão, que caiu morto no mar. O cisne branco nadou até o rapaz, fez uma mesura e disse:

– Obrigado, jovem corajoso. Saiba você que aquele não era um falcão de verdade, e sim um malvado feiticeiro. Como prêmio por ter salvado a minha vida, servirei você eternamente.

O rapaz, surpreso, até esqueceu a fome que sentia e foi correndo contar à sua mãe a aventura que vivera. A noite já vinha caindo e tinha ficado muito perigoso para eles irem atrás de água e comida. Resolveram dormir com fome, que de manhã tudo se ajeitaria. No dia seguinte, acordaram com os primeiros raios da aurora batendo em seus rostos. Quando abriram os olhos, ficaram maravilhados: uma linda cidade, cheia de castelos e cúpulas douradas de mosteiros e igrejas, erguia-se diante deles, protegida por altos muros brancos de pedra.

– Nossa, olhe o que o cisne fez! – disse o rapaz.

Mãe e filho cruzaram os ricos portões da cidade e caminharam pela rua principal, onde uma multidão saudou o rapaz como seu soberano. Ele foi coroado na catedral, naquela mesma tarde, com o nome de príncipe Guidon.

Certo dia, um navio abarrotado de mercadorias passava ao largo da ilha, quando seus marinheiros avistaram a majestosa cidade murada, com suas altas cúpulas, que surgira onde antes só havia floresta. Os canhões da cidade deram salvas, convidando o navio a aportar. O príncipe Guidon recebeu os estrangeiros e ofereceu-lhes comida e bebida. Durante a conversa, soube que eles eram mercadores e perguntou o que tinham para vender e para onde estavam indo.

– Nós temos peles, alteza – disseram eles. – Estamos viajando há muito tempo e vamos para a ilha de Buyan, para o reino do czar Saltan.

Guidon pediu aos marinheiros para transmitir seus cumprimentos ao czar,

que ele sabia que era seu pai. O jovem príncipe não conseguia acreditar que ele, que amara tanto sua mãe, fosse tão cruel a ponto de abandoná-los à própria sorte daquela maneira. Por esse motivo, Guidon sonhava em conhecê-lo e saber o que o levara àquela atitude.

Enquanto os marinheiros mercantes se preparavam para deixar a ilha, o príncipe foi até o mar. Estava triste, pensando na história de ter sido abandonado pelo pai, quando, de repente, o lindo cisne apareceu e perguntou:

– Meu nobre príncipe Guidon, o que o aborrece? Por que esse rosto tão triste?

– Eu só queria ver meu pai, o czar Saltan.

E contou ao cisne toda a história. Quando terminou, o cisne, batendo freneticamente as asas, salpicou-o de água, e Guidon transformou-se num mosquito. Dessa maneira, ele pôde voar até o navio e esconder-se numa rachadura do mastro para seguir até o reino de seu pai.

Quando o navio chegou ao reino, o czar Saltan foi receber os marinheiros, e ao lado dele estavam as duas irmãs e a mãe da czarina. Ofereceu a eles um banquete e pediu que contassem histórias sobre as terras distantes por onde passaram. Os marinheiros contaram então sobre a linda cidade, com muros brancos e cúpulas douradas, que surgira da noite para o dia numa ilha. Falaram-lhes sobre o jovem príncipe que a governava e sobre a sua hospitalidade. O czar, sem ter a mínima ideia de que o príncipe era seu filho, disse:

– Oh, que eu ainda viva para ver com meus próprios olhos esse belo lugar!

As duas irmãs invejosas e sua mãe acharam a história estranha, ainda mais quando os mercadores descreveram a mãe do príncipe. Ficaram com medo de que a czarina pudesse ter sobrevivido e começaram a dizer que não havia nada de maravilhoso num lugar como aquele. A mais velha disse:

– Isso não é nada! O que é mesmo maravilhoso é um lugar onde há um esquilo que vive debaixo de um abeto e passa os dias quebrando nozes de ouro e tirando de dentro grandes esmeraldas, isso tudo enquanto canta uma linda canção! Isso, sim, é algo extraordinário e digno de se ver!

Ao ouvir aquilo, o mosquito, que era nosso príncipe Guidon disfarçado, ficou tão zangado que deu uma picada no olho direito da tia mais velha e saiu voando por uma das janelas do palácio do czar Saltan de volta para sua ilha. Lá chegando, foi direto para a beira do mar, onde o cisne o transformou novamente em gente. Guidon contou a ele a história sobre o extraordinário esquilo. Ao voltar para o castelo, qual não foi sua surpresa ao ver em seu jardim um esquilo, debaixo de um abeto, quebrando nozes de ouro de onde saíam grandes esmeraldas, e tudo isso enquanto cantava uma bela canção!

O príncipe ficou muito feliz e ordenou que uma casa de cristal e ouro fosse construída para o precioso animal. Guardas vigiavam ao pé do abeto dia e noite, e um escriba registrava cada casca de ouro e cada esmeralda, que foram enriquecendo o reino ainda mais.

Algum tempo se passou até que outro navio fosse avistado. Os marinheiros, já tendo ouvido falar sobre a ilha e sua bela cidade, fizeram questão de parar para saudar o jovem príncipe Guidon. Essa embarcação levava cavalos e também se dirigia ao reino do czar Saltan. Assim, novamente, o príncipe ficou desejoso de ver o pai. Dessa vez, o cisne transformou-o numa mosca, e dessa forma ele pôde se esconder novamente numa rachadura do navio.

Assim que desembarcaram no reino do czar Saltan, os marinheiros foram direto ao palácio contar ao soberano sobre o maravilhoso esquilo que haviam visto na cidade de muros brancos. Saltan outra vez desejou visitar a fabulosa cidade onde havia tal maravilha, mas novamente as duas irmãs e sua mãe ridicularizaram a história dos marinheiros. A irmã do meio disse:

– Meu senhor, isso não é nada! Maravilha mesmo são 33 jovens cavaleiros, tão belos e valentes como nunca se viu, que se erguem das ondas do mar enraivecido, com suas armaduras completas, liderados pelo velho Chernomor.

A mosca, que era o príncipe Guidon disfarçado, ficou tão zangada que deu uma picada no olho esquerdo da segunda tia, antes de voar de volta à ilha. Uma vez em casa, contou ao cisne sobre o velho Chernomor e os 33 jovens cavaleiros, lamentando que nunca veria tal maravilha.

– Ah, esses cavaleiros das grandes águas, eu os conheço muito bem – disse o cisne. – Não fique triste. Eles são meus irmãos e virão servir a você, fique tranquilo.

Mais tarde, já de volta ao seu palácio, o príncipe subiu numa das torres e olhou atentamente para o mar, que estava muito agitado naquela tarde. De repente, uma onda gigante ergueu-se como uma muralha diante dele. Quando recuou, 33 cavaleiros vestidos de armadura, liderados pelo velho Chernomor, surgiram em seu lugar, prontos para servir Guidon. Desde então, todos os dias eles vinham do fundo do mar guardar a linda cidade.

Alguns meses depois, um terceiro navio que seguia para o reino do czar Saltan, carregado com espadas e joias, aportou na ilha. De novo, o príncipe deu as boas-vindas aos marinheiros e pediu que transmitissem seus cumprimentos ao czar quando chegassem ao seu destino. Enquanto eles se preparavam para seguir a jornada, o príncipe foi visitar o cisne e falou sobre seu desejo de ver o pai mais uma vez. Então foi transformado num besouro e saiu voando para se esconder no navio.

A notícia da ilha fantástica, onde os 33 guerreiros, liderados pelo velho Chernomor, saíam do mar para patrulhá-la, espalhou-se rapidamente no reino do czar Saltan assim que o barco ali jogou âncora.

O czar ficou maravilhado com a notícia e desejou embarcar imediatamente para conhecer essa ilha extraordinária. Mas foi novamente convencido pelas cunhadas e pela sogra de que não valia a pena. A mãe das invejosas disse:

– Isso não é nada! No fundo do mar, num palácio de coral, vive uma princesa tão linda que não se consegue tirar os olhos dela. A luz do dia fica pálida se comparada à sua beleza. Ela tem um crescente de prata em suas tranças e uma estrela de ouro na testa. Não há escuridão que não se ilumine quando ela chega. E quando fala, então? Sua voz é um murmúrio doce, corre por nossos ouvidos como o murmúrio de um plácido riacho. Isso, sim, é uma maravilha!

O besouro, que era Guidon, ficou zangado novamente com elas e, para se vingar daquelas intrigantes, deu uma picada no nariz da avó. As três correram como loucas pelo salão atrás do besouro, mas não conseguiram apanhá-lo. Assim que conseguiu fugir pela janela, o príncipe voou em direção à sua ilha, em segurança.

Quando chegou, Guidon foi falar com o cisne branco.

– O que houve, meu príncipe? – perguntou a ave. – O que lhe aborrece desta vez?

Guidon, após um longo suspiro, respondeu:

– Todo jovem tem uma noiva, e eu também desejo me casar.

Então contou a história da linda princesa que morava no fundo do mar e disse que havia se apaixonado por ela.

O cisne ficou silencioso por um longo tempo, pensativo. Finalmente disse:

– Isso é verdade, essa princesa existe, e posso encontrá-la. Mas um casamento não é como um esquilo ou cavaleiros. Isso não é uma coisa que você possa colocar como uma luva. Escute meu conselho: você deve pensar duas vezes sobre isso, para que não se arrependa depois.

– Eu entendo – suspirou Guidon –, mas já venho pensando nisso, pois já é tempo de eu me casar. E, por essa princesa maravilhosa, eu caminharia pelo resto da minha vida e por todos os reinos do mundo. Estou pronto para enfrentar qualquer perigo, até mesmo caminhar sobre lanças, para tê-la como minha esposa.

Ao ouvir essas palavras, o cisne agitou suas grandes e belas asas e voou até a praia ficando de pé diante do príncipe. Um redemoinho de areia levantou-se ao redor dele e, quando a areia voou para o céu, no lugar da ave, estava a mais linda princesa do mundo, com um crescente em suas tranças e uma estrela em sua

testa.

– Não precisa viajar para tão longe, meu nobre Guidon. Não há necessidade de se cansar – disse ela com a voz mais doce que o príncipe jamais ouvira. – Essa princesa que procura sou eu!

Os dois apaixonadamente abraçaram-se e beijaram-se, e Guidon levou-a para que sua mãe desse sua bênção ao casamento. O príncipe e a linda moça casaram-se naquela mesma noite.

Algum tempo depois, mais um navio que ia para o reino do czar Saltan passou pela ilha, carregando contrabando. Novamente o príncipe recebeu os marinheiros e, antes que partissem, pediu que enviassem seus cumprimentos ao czar e dissessem a ele que o príncipe Guidon o convidava para visitar a ilha. Dessa vez, decidiu ficar junto com sua nova esposa e não partiu escondido no navio.

Assim que os marinheiros chegaram ao reino do czar Saltan, contaram para ele lindas histórias sobre a fantástica ilha, a cidade de muros brancos, o esquilo cantante quebrando nozes de ouro, os 33 cavaleiros com armadura vindos do fundo do mar e a doce princesa de beleza incomparável.

Dessa vez, o czar não se deixou levar pelas despeitadas cunhadas e pela sogra. Mandou preparar imediatamente o seu navio e embarcou no mesmo dia, com a sua corte, para a encantadora ilha.

Quando o czar Saltan e a sua corte desembarcaram, foram recebidos pelo jovem príncipe Guidon, que os esperou no cais. Sem contar que era o filho do czar, Guidon levou-os ao seu palácio. Durante o percurso, Saltan viu todas as maravilhas que escutara sobre a ilha. A guarda dos portões da cidade e do castelo era feita pelos 33 cavaleiros de armadura, liderados pelo velho Chernomor. No pátio, estava o esquilo, cantando uma canção e partindo uma noz de ouro. No jardim, encontraram a linda princesa, mulher de Guidon.

Ao lado da princesa, o czar viu algo inesperado: ali estava a mãe de Guidon, sua mulher há muito tempo perdida. Saltan reconheceu-a de imediato e gaguejou:

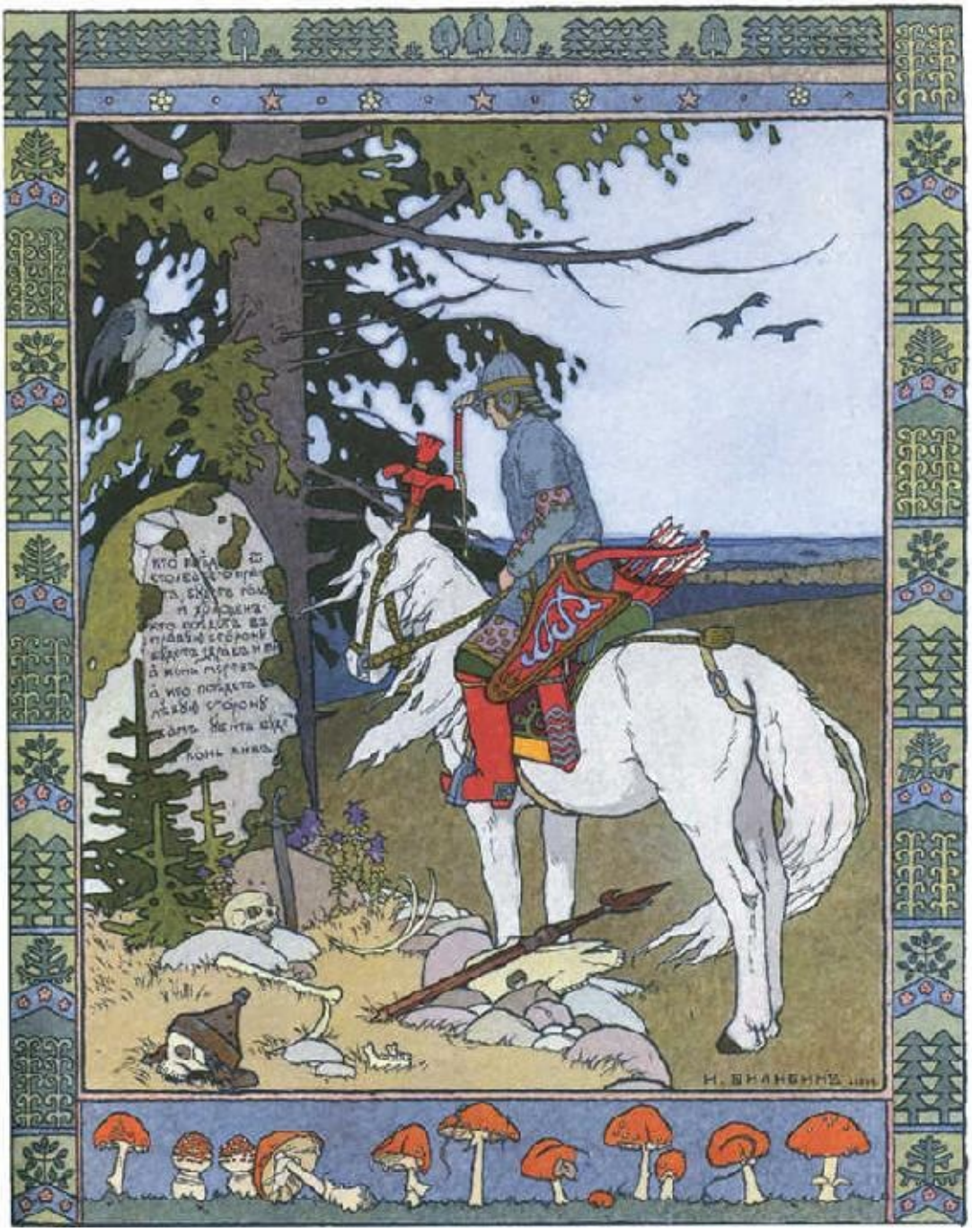
– Será que estou sonhando?

Com lágrimas correndo pelas bochechas, foi em sua direção e abraçou-a. Assim que compreendeu que o príncipe Guidon era seu filho, os dois lançaram-se nos braços um do outro.

Uma alegre festa teve início. As duas irmãs invejosas e sua mãe, envergonhadas, fugiram e esconderam-se embaixo da escada, mas os 33 cavaleiros logo as encontraram e as arrastaram de volta ao salão. Elas caíram em lágrimas aos pés do czar, confessando tudo e pedindo perdão, mas todos estavam

tão felizes que Saltan apenas ordenou que navegassem de volta para seu reino. O czar Saltan, a czarina, o príncipe Guidon e a princesa foram felizes pelo resto de suas vidas.





O pássaro de fogo

Muito tempo atrás, vivia, numa terra muito distante, um poderoso czar chamado Vislav. Um de seus maiores orgulhos era seu pomar, tão rico e magnífico como não havia nenhum outro no mundo. Como o czar o adorava! Havia frutas raras de todos os lugares do mundo, mas, de todas as árvores, sua preferida era uma macieira que ficava bem no centro do terreno. Havia nela algo muito especial e que a diferenciava das demais árvores do pomar: dava maçãs de ouro!

Um belo dia, o czar percebeu que algumas maçãs de ouro tinham desaparecido misteriosamente. Ele deixou guardas em cada entrada, mas não adiantou nada: a cada manhã, mais uma maçã sumia. Então decidiu ele mesmo ficar escondido no pomar, uma noite, para ver quem era o ladrão. Qual não foi sua surpresa quando viu chegar voando algo que pensou ser uma bola de luz.

Mas, quando o grande clarão foi chegando mais perto, percebeu que era um maravilhoso pássaro de fogo. Suas plumas tinham um brilho dourado fulgurante, e seus olhos pareciam de cristal. O pássaro pousou na macieira, pegou uma maçã de ouro e voou, levando-a consigo. O czar Vislav ficou muito aborrecido e mandou chamar seus três filhos.

– Meus rapazes – disse ele –, há muitos dias tenho pensado quem herdará meu reino depois que eu morrer. Agora tomei uma decisão: quem pegar o pássaro de fogo, que é o ladrão das minhas maçãs de ouro, e o trouxer vivo ficará com metade de meu reino agora e a outra metade quando eu morrer.

E assim, os três filhos prometeram se empenhar na captura do pássaro de fogo.

O filho mais velho, o príncipe Dimitri, ficou de guarda na primeira noite. As horas foram passando, e, como nada acontecia, ele acabou dormindo. Na manhã seguinte, seu pai chamou-o para perguntar se pegara o pássaro. Dimitri disse:

– Não, meu senhor, na noite passada o pássaro não visitou o pomar.

Mas, quando o czar contou as maçãs, viu que mais uma tinha sido roubada.

Na noite seguinte, o segundo filho, o príncipe Vasili, acampou perto da macieira na esperança de apanhar o pássaro. Ele montou guarda até depois da

meia-noite, mas, por fim, não conseguiu resistir ao sono e acabou adormecendo. Quando, pela manhã, seu pai perguntou sobre o pássaro, ele respondeu:

– Não, fiquei de vigília, mas o pássaro de fogo não apareceu.

Porém, o czar novamente deu pela falta de outra maçã.

Na terceira noite, o filho mais novo, o príncipe Ivan, pediu a honra de guardar a árvore. O czar não queria, pois Ivan era muito jovem, mas tanto ele insistiu que seu pai deixou. A meia-noite passou, depois os sinos tocaram uma, duas e três horas, enquanto Ivan lutava contra o sono e fazia de tudo para se manter acordado. De repente, o pomar inteiro iluminou-se como se milhares de luzes estivessem brilhando sobre ele. O pássaro de fogo entrou voando com suas asas douradas e pousou num ramo da macieira.

Enquanto a ave colhia a maçã, Ivan aproximou-se sorrateiramente e agarrou-o pela cauda. Mas o pássaro conseguiu se libertar, deixando o jovem somente com uma brilhante pena vermelha nas mãos.

Na manhã seguinte, quando o czar Vislav perguntou a Ivan se vira o pássaro de fogo, o jovem tirou do bolso a pena. Ela era tão luminosa que fez brilhar a sala inteira como se fosse iluminada pelo sol. O czar colocou-a no tesouro real e mandou muitos guardas para o pomar, mas o pássaro de fogo nunca mais voltou.

O czar Vislav estava tão encantado pela pena incandescente que chamou seus três filhos de novo e prometeu metade de suas riquezas a quem encontrasse o pássaro e o trouxesse vivo. Os dois filhos mais velhos, cheios de inveja porque Ivan havia conseguido a pena, saíram juntos para a caça. O caçula pediu para ir também, mas o czar negou, dizendo que ele ainda era muito jovem. Porém, tão insistentes foram os pedidos que Ivan o convenceu, montou em seu cavalo e partiu sozinho.

Ivan cavalgou dias e dias até chegar a um campo aberto. No meio do campo, havia uma coluna de mármore. Nela, Ivan leu as seguintes palavras gravadas a ouro: “Quem for reto ficará com fome e frio. Quem for pela direita estará seguro, mas seu cavalo morrerá. Quem for pela esquerda será morto, mas seu cavalo estará seguro”. Escolhendo o menor dos três males, Ivan decidiu ir pela direita e cavalgou por mais três dias.

De repente, um grande lobo cinzento apareceu do nada, devorou o cavalo e foi embora. Por muito tempo, Ivan chorou a perda de seu querido animal. Depois, como viu que nada poderia fazer, continuou a viagem a pé. Andou por um dia inteiro e ficou muito cansado. Ao anoitecer, o lobo cinzento reapareceu de repente. Ivan sacou a espada e preparou-se para a batalha, mas o lobo fez uma reverência e disse em voz humana:

– Ivan, você é um rapaz muito valente. Sinto muito por ter matado o seu

cavalo e ter feito você andar todo esse trecho a pé. Suba em minhas costas, e levarei você aonde quiser!

Ivan percebeu que o lobo estava sendo sincero e decidiu confiar nele. Contou ao animal que precisava encontrar o pássaro de fogo, ao que o lobo respondeu:

– Não se preocupe, eu irei ajudá-lo.

O príncipe subiu nas costas do lobo, que partiu como um raio, vinte vezes mais rápido que o cavalo mais veloz. Em pouco tempo, eles chegaram a uma grande parede de pedra.

– Escale essa parede, Ivan, e você encontrará o pássaro de fogo dentro de uma gaiola dourada num jardim. Pegue o pássaro e prenda-o com seu lenço. Não toque na gaiola, ou você será capturado.

Ivan escalou o muro e encontrou, pendurada numa árvore, uma gaiola dourada com o pássaro de fogo dentro. Ele aproximou-se da gaiola, tirou do bolso uma maçã dourada, e o pássaro de fogo saiu e pousou em sua mão. O príncipe prendeu-o em seu lenço, mas a gaiola dourada era tão encantadora que não podia pensar em deixá-la para trás.

No minuto em que a tocou, porém, os alarmes dispararam, os guardas entraram correndo e agarraram o rapaz. Ele foi imediatamente levado ao czar Dolmat, que mandava naquele reino. O czar estava furioso e exigiu uma explicação.

– Eu sou o filho de czar Vislav – disse Ivan –, e o pássaro de fogo tem pegado as maçãs do pomar do meu pai todas as noites. Assim ele me mandou para capturar o ladrão.

– Se você tivesse me pedido, eu lhe daria o pássaro – disse o czar –, mas agora você desonrou-se, pois se comportou também como um ladrão. Entretanto, há algo que você pode fazer por mim para que eu o perdoe. Vá ao Décimo Reino, onde manda o czar Afron, e traga o cavalo com a crina de ouro. O pai do czar prometeu-o para mim, então ele é meu por direito. Se fizer isso, darei a você o pássaro de fogo.

Ivan deixou o czar e contou ao lobo tudo que tinha acontecido. Disse que sentia muito não ter dado ouvidos a ele e tocado na gaiola dourada.

– Bom, o que está feito, está feito – falou o lobo. – Venha, suba em minhas costas. Eu o levarei até onde for preciso.

Ivan montou novamente no lobo, que partiu como uma bala. É difícil dizer se levaram muito ou pouco tempo, mas finalmente alcançaram o Décimo Reino. Chegaram ao palácio do czar Afron, e, quando estavam diante dos estábulos reais, o lobo disse a Ivan para pegar o cavalo com a crina de ouro, mas para não tocar o arreio de ouro pendurado na parede.

Ivan entrou e começou a conduzir o cavalo para fora. Então, de repente, ele viu o magnífico arreio dourado. Ficou tão atraído que simplesmente não pôde resistir a pegá-lo. Mas, no segundo em que o tocou, alarmes soaram, os cavalariços correram e agarraram Ivan. Eles o levaram até o czar Afron, que estava furioso e exigiu uma explicação. Ivan contou a ele toda a história.

– Se você tivesse me pedido o cavalo, eu o teria dado. Mas agora, como você se sentirá quando eu contar a todo o reino que o filho de um czar é ladrão? No entanto, para que sua honra seja restituída, há algo que você pode fazer por mim. Vá ao Trigésimo Reino e traga a princesa Elena, a Bela. Eu a quero para ser minha mulher, mas não encontrei uma forma de trazê-la. Se você fizer isso, eu o perdoarei e darei a você o cavalo da crina de ouro.

Ivan saiu do palácio em lágrimas e contou ao lobo tudo o que ocorrera. Novamente desobedecera e pagava por isso.

– É isso que dá não me obedecer. Vamos, suba, eu o levo até o Trigésimo Reino – disse o lobo.

O lobo então voou pela estrada com o príncipe em suas costas. Quando alcançaram o reino de Elena, disse para Ivan:

– Desta vez, eu mesmo vou resolver. Fique aqui e espere por mim no campo, debaixo daquele carvalho verde.

Assim fez o príncipe Ivan. No fim da tarde, quando a princesa Elena, a Bela, estava andando em seu jardim, o lobo agarrou-a e levou-a para junto do carvalho onde Ivan estava esperando. O príncipe montou no lobo ao lado da linda princesa, e os três partiram velozes em direção ao reino de czar Afron. Quando o pai da princesa descobriu que ela desaparecera, mandou cem homens atrás dela, mas foi inútil: eles já estavam distantes.

Enquanto viajavam nas costas do lobo, Ivan e a princesa Elena começaram a se amar de todo o coração. Ao se aproximarem do reino do czar Afron, os dois estavam em lágrimas. O lobo percebeu o que estava acontecendo e falou para eles não se afligirem.

– Mas, meu querido amigo lobo – disse Ivan –, como podemos não nos afligir? Elena e eu nos apaixonamos, e agora tenho que entregá-la ao czar Afron para evitar minha desonra perante todo o reino.

– Eu tenho servido-o bem – respondeu o lobo – e ajudarei você outra vez. Isto é o que eu farei: me transformarei na princesa Elena. Assim você poderá me levar ao czar e me trocar pelo cavalo com a crina de ouro. Então monte nele, pegue a princesa e cavalgue para longe. Quando me for permitido sair com minhas damas de companhia, pense em mim, e eu aparecerei.

Ivan concordou. Então o lobo bateu as patas no chão e, como mágica,

transformou-se na princesa! O príncipe conduziu-o à presença do czar, que ficou muito alegre ao receber Elena. Ivan recebeu imediatamente o cavalo de crina de ouro e o arreio de ouro e cavalgou em direção ao reino de Dolmat, apanhando a princesa Elena onde a havia deixado. Por vários dias, os dois estavam tão encantados um com o outro que esqueceram completamente o lobo cinzento.

No quarto dia depois da partida, Ivan voltou a se lembrar dele e pensou: “O que será que aconteceu com meu amigo?”. Justamente nesse momento, o lobo, disfarçado de Elena, tinha recebido autorização para sair com suas damas para o jardim. Quando sentiu que Ivan pensava nele, imediatamente se desmaterializou e correu veloz para encontrar o amigo.

Assim, Ivan, montado no lobo, e a princesa, no cavalo da crina de ouro, seguiram para o reino de Dolmat. Quando se aproximaram de suas fronteiras, Ivan disse ao lobo:

– Meu bom lobo, você fez tanto por mim, poderia fazer só mais um favor? Eu adoraria ter este cavalo de crina de ouro em meu próprio reino. Você poderia se transformar nele e fazer a mesma coisa que no Décimo Reino?

No mesmo instante, o lobo bateu as patas no chão e transformou-se num cavalo de crina de ouro. Ivan apresentou o lobo disfarçado ao czar, que ficou felicíssimo e convidou a todos para uma grande festa, que durou dois dias inteiros. No terceiro dia, o czar Dolmat deu o pássaro de fogo ao príncipe Ivan. Este voltou ao campo onde deixara Elena e o verdadeiro cavalo de crina de ouro e começou o caminho de volta para casa.

Os dois estavam viajando havia três dias quando o czar Dolmat decidiu sair com seu novo cavalo. No momento em que começou a galopar mais depressa, deixando toda a comitiva para trás, Ivan se lembrou do lobo cinzento. Então o lobo transformado em cavalo empinou, jogando o cavaleiro para fora da sela. O czar Dolmat mandou quinhentos homens atrás do lobo, mas foi em vão, pois ele já estava longe.

O lobo encontrou-se uma vez mais com Ivan, a princesa, o pássaro de fogo e o cavalo de crina de ouro. Quando chegaram à floresta onde havia devorado o cavalo do príncipe, o lobo despediu-se:

– Bom, meu querido príncipe Ivan, eu tenho servido-o bem, mas é hora de nos separarmos. Já paguei pelo seu cavalo e, a partir de agora, não sou mais seu servo. Mas, se um dia estiver em apuros, basta pensar em mim que irei ajudá-lo.

Ivan desceu das costas do cavalo e abraçou-o chorando. O lobo então saiu correndo em disparada, deixando o príncipe e Elena montados no cavalo com a crina de ouro, carregando a gaiola dourada do pássaro de fogo. Quando estavam perto do reino do czar Vislav, decidiram parar para descansar. Amarraram o

cavalo a uma árvore e, colocando a gaiola do pássaro a seu lado, deitaram-se na grama e dormiram.

Acontece que Dimitri e Vasili, os filhos mais velhos do czar, estavam também regressando para casa, frustrados por não terem achado o pássaro de fogo. Eles depararam-se com Ivan e Elena dormindo e ficaram completamente encantados pelo cavalo de crina de ouro, pelo pássaro de fogo e pela princesa. Cheios de inveja, decidiram matar o irmão e tomar todas essas coisas. Dimitri, o mais velho, puxou sua espada e cravou-a no corpo de Ivan, depois o dividiu em pedaços. Então acordaram Elena, que viu o corpo de seu amado e caiu em prantos.

– Se vocês fossem cavaleiros valentes, lutariam com ele em campo aberto, e, se vencessem, teriam feito isso com honra. Mas, em vez disso, mataram alguém que estava dormindo. Vocês são covardes e não merecem respeito algum! – gritou.

Mas o príncipe Vasili apontou sua espada para o peito dela e disse:

– Princesa Elena, sua vida está em nossas mãos. Vamos levar você a nosso pai, o czar Vislav, e você dirá a ele que fomos nós que conquistamos você, o cavalo com a crina de ouro e o pássaro de fogo. Uma palavra ao czar sobre o que aconteceu e será a última coisa que dirá!

Então os irmãos cavalgaram com seus novos tesouros para o reino de seu pai, e Elena, amedrontada pelas ameaças, fez como eles tinham ordenado. Felicíssimo com os feitos dos filhos, o czar deu a Dimitri, que lhe trouxera o pássaro de fogo, metade de seu reino e metade de suas riquezas, e a Vasili, permitiu que se casasse com a princesa Elena, a Bela.

Enquanto isso, os pedaços do corpo de Ivan ficaram esquecidos no campo durante trinta dias. No trigésimo primeiro, o lobo cinzento, por acaso, estava passando por aquele caminho, sentiu o cheiro de seu amigo príncipe e farejou até encontrar seu corpo. Enquanto estava lamentando pesaroso e pensando o que fazer, viu uma mãe corvo e seus dois filhotes. Eles voavam em círculos pensando em comer o corpo morto do príncipe. O lobo esperou até que eles aterrissassem e agarrou um dos filhotes. A mãe corvo implorou:

– Por favor, não machuque meu filho. Ele não fez nada para você!

– Irmã corvo, eu não o machucarei se me prestar um favor. Ouvi dizer que no Trigésimo Reino há duas fontes, uma da água da vida, outra da água da morte. Voe rápido até lá e me traga uma garrafa de cada uma. Se fizer isso, deixarei seu filho em paz. Caso contrário, o devorarei.

A mãe corvo concordou e voou para longe, rápida como uma flecha.

No terceiro dia, a mãe corvo retornou trazendo dois frasquinhos de água.

Imediatamente, o lobo rasgou a carne do jovem corvo que segurava até o dividir em dois. Então salpicou um pouco da água da morte sobre o filhote, e suas feridas foram curadas. Em seguida, salpicou um pouco da água da vida nele, e o pequeno corvo voltou à vida, abriu suas asas e voou de volta para o ninho.

Assim que os corvos foram embora, o lobo juntou os pedaços do corpo de Ivan e salpicou-o com a água da morte e depois com a água da vida. Dessa maneira, o rapaz voltou a viver, dizendo:

– Oh, quanto tempo eu dormi!

– É verdade – disse o lobo –, e você dormiria para sempre se eu não o encontrasse!

Ele contou ao príncipe tudo o que acontecera e disse que naquele dia mesmo seu irmão Vasili iria se casar com Elena, a Bela.

– Vamos, não temos tempo a perder – falou o lobo –, suba logo em minhas costas, temos que ir para a cidade.

Ivan, montado no enorme lobo cinza, invadiu o salão onde ocorria a festa de casamento. Para espanto de todos os presentes, Elena, ao ver seu amado, soltou-se das mãos de Vasili, correu para o mais jovem e beijou-o, exclamando:

– É este o meu noivo querido, príncipe Ivan, aquele com quem eu deveria me casar! Não com esse covarde malvado sentado comigo à mesa!

O czar Vislav, confuso, pediu uma explicação, e Elena, com prazer, contou a ele toda a história. O czar ficou furioso com os filhos mais velhos e ordenou que fossem lançados à prisão. Então abraçou o filho mais novo e mandou que se preparasse a festa para que ele se casasse com Elena naquela mesma noite.

O casamento foi um grande banquete para todas as pessoas do reino. Eu estive na festa, dancei e tomei hidromel, mas nenhuma gota entrou na minha boca, só na minha barba.



Nota sobre as adaptações

A maior parte dos contos de fadas russos conhecidos foi recolhida no século XIX pelo pesquisador Aleksandr Nikolaevich Afanasyev (1826-1871). Antes dele, o poeta Aleksandr Pushkin (1799-1837), durante um período de exílio no sul da Rússia, passou boa parte de seu tempo registrando os contos de fadas que ouvia dos camponeses. Mais tarde, transformou essas histórias numa série de poemas narrativos. Ao longo dos anos, essas histórias coletadas foram recontadas de inúmeras maneiras diferentes, em prosa e verso, e sendo apropriadas por outras linguagens, como teatro, ópera, balé e cinema.

Afanasyev e Pushkin estavam inseridos no movimento do Romantismo, que via o folclore e a cultura popular como um suporte para a identidade nacional de um povo. Isso levou a um interesse pela coleta folclórica de contos tradicionais, vistos como uma janela para os valores ancestrais de uma nação e assim representativos de seu pensamento e sua história. Os pioneiros desse tipo de trabalho foram os irmãos Grimm, da Alemanha, que publicaram *Contos domésticos e infantis* em 1812. Pushkin teria sido um dos primeiros autores russos a se aproveitar de temas folclóricos para suas obras, com a publicação de *Ruslan e Ludmila* em 1820. Seus seis contos de fadas em verso foram publicados entre 1830 e 1834.

Afanasyev, por sua vez, já tinha alguns trabalhos sobre literatura publicados quando começou a se interessar pelos contos tradicionais russos, na década de 1850. Inicialmente, ele publicou estudos retratando os contos de fadas como reminiscências da mitologia antiga dos povos eslavos. Mais tarde, começou a reunir e catalogar essas histórias a partir de diversas fontes, chegando a mais de seiscentas, uma das maiores coleções de narrativas folclóricas do mundo. Elas foram publicadas nos três volumes de *Contos de fadas russos* entre 1854 e 1863.

Para fazer esta coleção de contos, trabalhamos principalmente a partir das obras de Afanasyev e Pushkin, além de outras versões publicadas em inglês e francês. Houve, porém, uma preocupação em não simplesmente traduzir os contos originais, mas sim comparar diversas versões e produzir um texto que reunisse os elementos principais. O objetivo foi construir uma narrativa que

mantivesse os elementos característicos da cultura russa e ao mesmo tempo pudesse falar ao público brasileiro. Assim se buscou aproximar o leitor do ambiente em que os contos se passam, permitindo a ele identificar e reconhecer as diferenças em relação ao seu próprio ambiente.

Essa foi a razão, por exemplo, de serem mantidos no texto termos tipicamente russos, como mujique, *kokoshnik* e isbá, assim como da decisão de incluir referências à organização social, com czares e boiardos, e a objetos do cotidiano russo, como o samovar. A própria escolha dos contos foi guiada por essas diretrizes. De uma pré-seleção inicial de cerca de trinta histórias, chegou-se a dez, priorizando aquelas que tivessem uma temática mais universalmente compreensível ao mesmo tempo que incluíssem temas predominantes do folclore russo. Estes abrangem, por exemplo, personagens como a Baba Yaga e o feiticeiro Chernomor, espíritos das estações personificados e elementos inseridos uns dentro dos outros.

Para cada história, diversas versões foram pesquisadas e cotejadas, e uma delas, escolhida como base para ser recontada. A partir desse texto base, escrito diretamente em português após a leitura do original, foram acrescentados ou removidos elementos conforme a comparação com outras versões, sempre buscando aproximar o leitor brasileiro de uma cultura diferente da sua.

Na maioria das histórias, o texto base foi feito em cima de um texto em prosa. Em dois contos, “O pescador e o peixe” e “O czar Saltan”, optou-se por utilizar os poemas narrativos de Pushkin. No caso de “Snegurochka, a donzela de neve”, utilizamos inicialmente um texto inspirado na peça do escritor Aleksandr Ostrovski, de 1873. Ostrovski adicionou detalhes em relação à versão recolhida por Afanasyev, sobretudo os relacionados à mitologia eslava, como os espíritos do sol, do inverno e da floresta, e cenas dramáticas como a da corte do czar. Esse conto foi cotejado com o libreto em francês da ópera *Snegurochka*, de Rimsky-Korsakov, escrita entre 1880 e 1881 com base na mesma obra.

Fontes utilizadas para a criação dos textos base

O PESCADOR E O PEIXE

“The tale of the fisherman and the goldfish.” In: PUSHKIN, Alexander. *Fairy Tales*. Moscou: Literatura Publishers, 1998.

A BABA YAGA E O GAROTO CORAJOSO

“Baba Yaga and the brave youth.” In: AFANASYEV, Alexander Nicolayevich. *Russian Fairy Tale*s. Nova York: Pantheon Books, 1973.

A BABA YAGA E A ÓRFÃ

“Baba Yaga.” In: BLUMENTHAL, Verra Xenophontovna Kalamatiano de. *Folk Tales from the Russian, retold by Verra Xenophontovna Kalamatiano de Blumenthal*. Chicago, Nova York: Rand, McNally & Company, 1903.

MOROZKO, O VELHO INVERNO

“Jack Frost.” In: AFANASYEV, Alexander Nicolayevich. *Russian Fairy Tales*. Nova York: Pantheon Books, 1973.

SNEGUROCHKA, A DONZELA DE NEVE

“Snow Maiden.” *Alkota Russian treasures*. Disponível em: https://www.alkotagifts.com/fairytales/snow-maiden. Acesso em: 3 jun. 2020.

ALYONUSHKA E IVANUSHKA

“Russian folk tale Alyonushka and her brother Ivanushka.” In: BARYNYA. *Russian folk tales and fairy tales*. Disponível em: https://www.barynya.com/tales/alyonushka.htm. Acesso em: 3 jun. 2020.

A PENA DE FINIST, O FALCÃO

“The feather of Finist the falcon.” In: WHEELER, Post. *Russian Wonder Tales*. Nova York: Thomas Yoseloff, 1957.

A PRINCESA SAPO

“The frog princess.” In: AFANASYEV, Alexander Nicolayevich. *Russian Fairy Tales*. Nova York: Pantheon Books, 1973.

O CZAR SALTAN

“The tsar Saltan.” In: PUSHKIN, Alexander. *Fairy Tales*. Moscou: Literatura Publishers, 1998.

O PÁSSARO DE FOGO

“The tale of Ivan Tsarévich, the Bird of Light, and the Grey Wolf.” In: AFANASEV, Aleksandr Nicolaevich. *Russian Folk-Tales*. Londres: K. Paul, 1916.

Glossário

Baba Yaga: A avó Yaga é uma bruxa ou espírito da natureza. Na maioria dos contos, ela ajuda as pessoas de bom coração e devora os maus. Em outros contos, ela aparece como uma prova que o herói tem que enfrentar.

Boiardo: Nobre feudal, grande proprietário de terras.

Chernomor: Nome de um mago dos contos russos.

Czar/Czarina: Título utilizado pelos imperadores e reis da Rússia, da Sérvia e da Bulgária.

Hidromel: Bebida alcoólica fermentada à base de mel.

Ilha de Buyan: Misteriosa ilha dos contos eslavos que tem o poder de aparecer e desaparecer.

Isbá: Tipo de cabana dos camponeses russos. Feita de madeira, geralmente de pinheiro.

Kokoshnik: Adorno de cabeça usado pelas mulheres russas.

Koschei, o Imortal: Mago da mitologia eslava que costuma raptar noivas e mulheres dos heróis dos contos. Sua alma está escondida fora de seu corpo, geralmente dentro de um ovo que está sempre dentro de um animal, que está dentro de outro, e assim por diante. Só pode ser morto se alcançarem sua alma e a destruírem.

Lúcio: Peixe de corpo esverdeado com faixas escuras. Chega a atingir 1,5 metro de comprimento. Encontrado em rios e lagos europeus.

Morozko: O Velho Inverno é o espírito do frio que atinge a Rússia durante muitos meses todos os anos. Modernamente, Morozko acabou se transformando na versão russa do Papai Noel, tendo como ajudante sua neta, Snegurochka.

Mujique: Camponês russo.

Samovar: Espécie de bule russo dentro do qual há um tubo onde se colocam brasas, para manter o chá aquecido.

Zibelina: Pele muito cara de um animal (marta-zibelina) existente na Rússia.

Bibliografia

AFANASEV, Aleksandr Nicolaevich. *Russian Folk-Tales*. Londres: K. Paul, 1916.

_____. *Myths and Legends of Russia*. Londres: The Folio Society, 2009.

BAIN, Nisbet R. *Russian Fairy Tales, from the Skazki of Polevoi*. Londres: A. H. Bullen, 1901.

BLUMENTHAL, Verra Xenophontovna Kalamatiano de. *Folk Tales from the Russian, retold by Verra Xenophontovna Kalamatiano de Blumenthal*. Chicago, Nova York: Rand, McNally & Company, 1903.

PUSHKIN, Alexander. *Fairy Tales*. Moscou: Literatura Publishers, 1998.

RANSOME, Arthur; MITROKHIN, Dmitri Isidorovich. *Old Peter's Russian Tales*. Nova York: Frederick A. Stokes Company, 1917.

STEELE, Robert Reynolds. *The Russian Garland, being Russian Folk Tales*. Nova York: McBride, Nast and Co., 1916.

WHEELER, Post. *Russian Wonder Tales*. Nova York: Thomas Yoseloff, 1957.

Em www.leya.com.br você tem acesso a novidades e conteúdo exclusivo. Visite o site e faça seu cadastro!

A LeYa também está presente em:

 facebook.com/leyabrasil

 @leyabrasil

 instagram.com/editoraleya

 LeYa Brasil

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM DANTE, 12/15 PT,
PARA A EDITORA LEYA.

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Prefácio
O pescador e o peixe
A Baba Yaga e o garoto corajoso
A Baba Yaga e a órfã
Morozko, o Velho Inverno
Snegurochka, a donzela de neve
Alyonushka e Ivanushka
A pena de Finist, o falcão
A princesa sapo
O czar Saltan
O pássaro de fogo
Nota sobre as adaptações
Fontes utilizadas para a criação dos textos base
Glossário
Bibliografia

Como o Palácio do Planalto
transformou o Ministério da Saúde
brasileiro em inimigo público
no meio da maior pandemia
do século XXI

ugo braga

LeYa

GUERRA À SAÚDE

Guerra à saúde

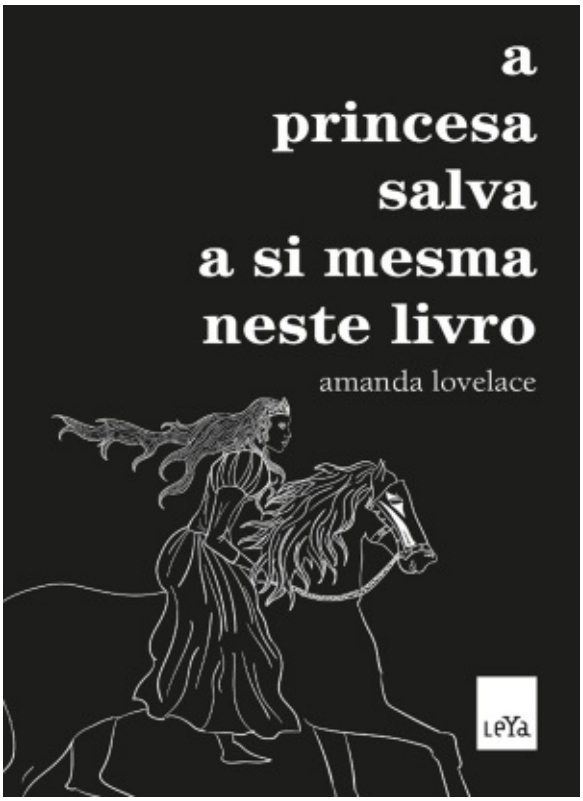
Braga, Ugo
9786556430430
336 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Diretor de Comunicação do Ministério da Saúde na gestão de Mandetta apresenta um relato preciso e revelador da crise sanitária e política iniciada com a chegada do novo coronavírus ao Brasil e faz um verdadeiro check-up de como a saúde é tratada no país

Diretor da Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Saúde durante a gestão de Luiz Henrique Mandetta, Ugo Braga narra num livro revelador os bastidores das semanas em que o Brasil enfrentou ao mesmo tempo o avanço do novo coronavírus e a artilharia pesada do Palácio do Planalto. Relato fiel e preciso de um profissional de comunicação que esteve no epicentro de um dos momentos mais difíceis da nossa história, Guerra à saúde (Editora LeYa Brasil) faz um verdadeiro check-up de como a saúde é tratada no Brasil e apresenta uma fotografia precisa do atual governo brasileiro.

Compre agora e leia


a
princesa
salva
a si mesma
neste livro
amanda lovelace
LeYa

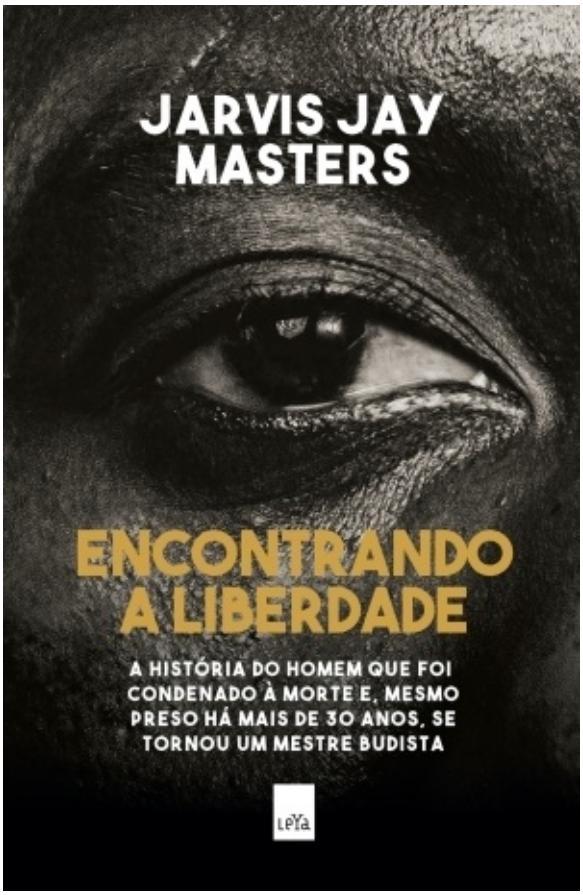
A princesa salva a si mesma neste livro

Lovelace, Amanda
9788544106587
272 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Amor e empoderamento em versos que levam os contos de fada à realidade feminina do século XXI A princesa salva a si mesma neste livro, de Amanda Lovelace, é comparado ao fenômeno editorial Outros jeitos de usar a boca, de Rupi Kaur, com o qual compartilha a linguagem direta, em forma de poesia, e a temática contemporânea. É um livro sobre resiliência e, sobretudo, sobre a possibilidade de escrevermos nossos próprios finais felizes. Não à toa A princesa salva a si mesma neste livro ganhou o prêmio Goodreads Choice Award, de melhor leitura do ano, escolha do público. Esta é uma obra sobre amor, perda, sofrimento, redenção, empoderamento e inspiração. Dividido em quatro partes ("A princesa", "A donzela", "A rainha" e "Você"), o livro combina o imaginário dos contos de fada à realidade feminina do século XXI com delicadeza, emoção e contundência. Amanda, aclamada como uma das principais vozes de sua geração, constrói uma narrativa poética de tons íntimos e cotidianos que acolhe o leitor a cada verso, tornando-o cúmplice e participante do que está sendo dito.

Compre agora e leia


JARVIS JAY
MASTERS
ENCONTRANDO
A LIBERDADE
A HISTÓRIA DO HOMEM QUE FOI
CONDENADO À MORTE E, MESMO
PRESO HÁ MAIS DE 30 ANOS, SE
TORNOU UM MESTRE BUDISTA
LEYA

Encontrando a liberdade

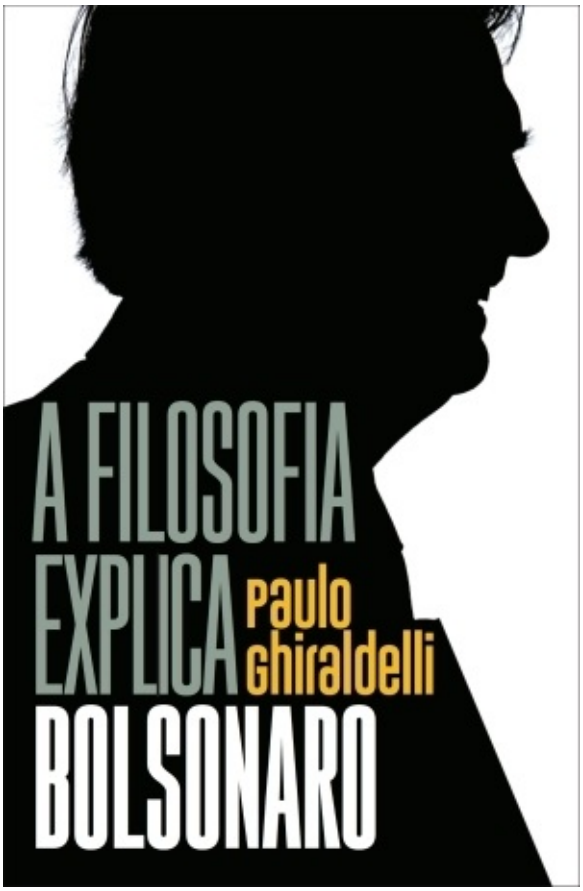
Masters, Jarvis Jay
9786556430201
192 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

A história inspiradora de um homem que foi condenado à morte e, mesmo preso há mais de 30 anos, se tornou um mestre budista

Existem muitas formas de liberdade. Algumas ficam à mercê das nossas circunstâncias pessoais, enquanto outras não podem jamais ser tiradas de nós. Jarvis Jay Masters é um homem negro que nasceu numa família pobre e teve uma infância cercada de negligência e violência. Foi recolhido a uma instituição para menores infratores aos 12 anos, preso numa penitenciária aos 19, condenado à morte aos 23. Hoje aos 58, está há mais tempo confinado a uma cela do que caminhando livremente pelas ruas. Mas, em determinado momento, partiu em busca da liberdade: após começar a se corresponder com o mestre budista Chagdud Tulku Rinpoche, assumiu um compromisso permanente com a não violência e com a paz. No livro Encontrando a liberdade, Jarvis conta a sua trajetória – uma história permeada por uma visão de esperança e uma possibilidade de liberdade mesmo nos tempos mais sombrios.

Compre agora e leia


A FILOSOFIA
EXPLICA
Paulo
Ghiraldelli
BOLSONARO

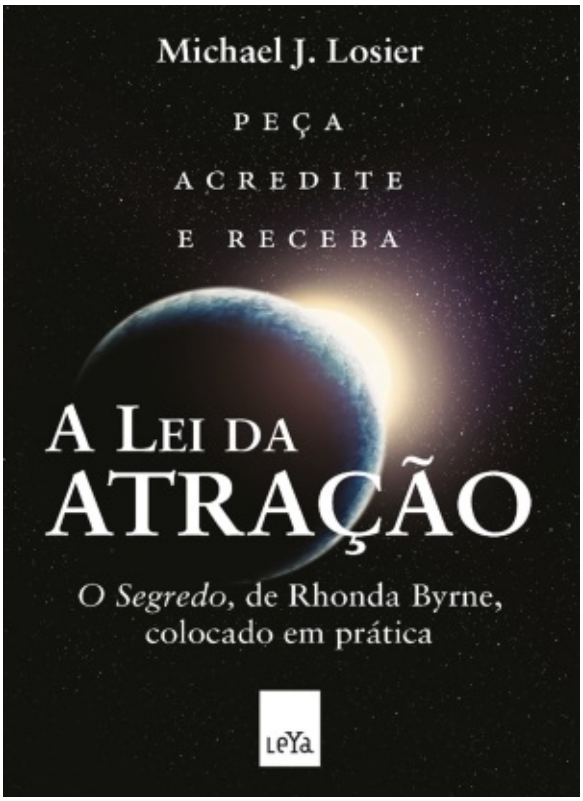
A filosofia explica Bolsonaro

Ghiraldelli Jr., Paulo
9788577346875
176 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Entender – e explicar – Jair Bolsonaro não é tarefa simples. A interpretação do que faz e representa o atual presidente e seu governo passa longe dos modelos tradicionais de análise. Por isso A filosofia explica Bolsonaro, de Paulo Ghiraldelli Jr., chega como um livro fundamental: o olhar crítico, feroz e original do autor ajuda a observar o Brasil de Bolsonaro a partir da lógica do atual governo – uma lógica fora dos padrões a que estamos acostumados. Polêmico na forma e sem medo do confronto no conteúdo, o filósofo disseca, em capítulos ágeis e breves, os atos e, sobretudo, os personagens que protagonizam talvez a mais profunda ruptura com os padrões tradicionais a que assistimos na história política e cultural brasileira – dos três filhos de Bolsonaro (conhecidos como 01, 02 e 03) a Olavo de Carvalho, passando pelos ministros Sérgio Moro e Paulo Guedes, além de personagens como a deputada Joice Hasselmann e o chanceler Ernesto Araújo. Sem esquecer os temas que mais mobilizam a cabeça – e a raiva – do presidente e seus seguidores: a educação, o meio ambiente, a cultura e, claro, o ex-presidente Lula, a esquerda e o comunismo. Com clareza, humor e espírito combativo, Ghiraldelli apresenta um texto destinado a todos leitores dispostos a pensar.

Compre agora e leia


Michael J. Losier
PEÇA
ACREDITE
E RECEBA
A LEI DA
ATRAÇÃO
O Segredo, de Rhonda Byrne,
colocado em prática
LEYA

A lei da atração

Losier, Michael J.
9788544106365
146 p&#65533;ginas

Compre agora e leia

Best-seller em mais de 20 países, A Lei da Atração, que já vendeu milhões exemplares no mundo todo, nos ensina como atrair mais daquilo que desejamos

Em alguns momentos, algo que desejamos muito parece acontecer subitamente, como que por coincidência. Noutros momentos, algo que tememos muito também parece se manifestar como que por coincidência. Experiências como essas evidenciam a existência de uma força muito poderosa chamada de "Lei da Atração", que é a capacidade que temos de, com nossos pensamentos e emoções, criar a realidade em que vivemos. A Lei da Atração: O segredo, de Rhonda Byrne, colocado em prática explica como podemos utilizar essa "lei" sempre a nosso favor e traz exercícios simples e dicas úteis que nos ajudam a integrar seus princípios à nossa vida cotidiana para atrair mais do que queremos e afastar o que não nos serve. A partir de três passos muito fáceis de seguir, este livro nos ajudará a alcançar objetivos como: encontrar o parceiro ideal para relacionamentos duradouros, aumentar o nosso ganho financeiro, crescer na carreira profissional, empreender novos negócios e construir a vida com que sempre sonhamos.

Compre agora e leia